

*Era uma vez..... Outra vez.....
mais uma vez..... e mais outra.....*

GOIÂNIA
EM PROSA
E VERSO
COLEÇÃO



SECRETARIA DE
CULTURA
Prefeitura
Goiânia
O trabalho que você vê



Editora da PUC-GO
Pró-Reitora da Prope
Presidente do Conselho Editorial
Profa. Dra. Sandra de Faria
Coordenador Geral da Editora da PUC-GO
Prof. Gil Barreto Ribeiro

Conselho Editorial
Profª. Dra. Regina Lúcia de Araújo
Profª. Dra. Heloisa Selma Fernandes Capel
Profª. Dra. Maria do Espírito Santo Rosa Cavalcante
Profª. Dra. Elane Ribeiro Peixoto
Prof. Dr. Aparecido Divino da Cruz
Prof. Dr. Cristóvão Giovani Burgarelli
Escritora Maria Luisa Ribeiro
Ms. Heloisa Helena Campos Borges
Escritor Ubirajara Galli
Jornalista Iúri Rincon Godinho



Editora Kelps
Presidente
Antônio Almeida
Coordenadores da Editora Kelps
Ademar Barros
Waldecir Barros
Leandro Almeida
Conselho Editorial
Prof. Abrão Rosa Lopes
Escritora Sandra Rosa
Escritor Brasigóis Felício
Prof. Alaor Figueiredo

Nádia Timm

*Era uma vez..... Outra vez.....
mais uma vez..... e mais outra.....*



*Goiânia, GO
2011*

Copyright © 2011 by Nádia Timm.

Editora Kelps

Rua 19 n° 100 - St. Marechal Rondon
CEP 74.560-460 - Goiânia - GO
Fone: (62) 3211-1616
Fax: (62) 3211-1075
E-mail: kelps@kelps.com.br
homepage: www.kelps.com.br

Comissão Técnica

Davi Junio Vitor S. da Silva
Diagramação

Naura Timm
Ilustrações

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação - CIP
BIBLIOTECA MUNICIPAL MARIETTA TELLES MACHADO

T481e

Timm, Nádia.

Era uma vez... outra vez... mais uma vez... e mais
outra... /Nádia Timm. - Goiânia : PUC-GO : Kelps, 2011.
100 p. - (Coleção Goiânia em Prosa e Verso).

1. Literatura brasileira – crônicas. I. Título. II. Coleção.

CDU: 821.134.3(81)-94

198-2011

DIREITOS RESERVADOS

É proibida a reprodução total ou parcial da obra, de qualquer forma ou por qualquer meio, sem a autorização prévia e por escrito do autor. A violação dos Direitos Autorais (Lei n° 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Impresso no Brasil
Printed in Brasil
2011

Goiânia em Prosa e Verso

A Prefeitura de Goiânia, administração Paulo Garcia, por meio da Secretaria Municipal de Cultura, concretiza a quarta edição da *Coleção Goiânia em Prosa e Verso*, com o objetivo de estimular a escrita e a leitura de obras literárias.

A despeito das escolas literárias, da diversidade de gostos ou da variedade das nossas opiniões, a literatura não se prende a um único juiz. Nossos pensamentos podem coincidir com os de outros, mas o importante é perceber que a literatura é um discurso privilegiado de acesso ao imaginário das diferentes épocas, e o ser humano é o ponto central na observação e interpretação da realidade ou da ficção.

A *Coleção Goiânia em Prosa e Verso* favorece o acesso à publicação de autores novos, dá visibilidade à escrita fora dos ambientes acadêmicos e guetos editoriais de mercado, dando voz àqueles que desejam expressar-se culturalmente por meio literário. Um conceito assimilado pelo prefeito Paulo Garcia que optou pela continuidade do projeto. Pode parecer genérico demais, mas a literatura tem o privilégio da liberdade e não precisa, necessariamente, estar vinculada ao uso social ou à defesa de uma ideologia ou mesmo retratar a realidade. Não tem o objetivo específico de mudança de comportamento social, despertar consciências políticas, embora faça isso. E o faz de forma lírica, árida, real, ficcional, documental, romântica, clássica, erudita, popular.

É esta a dimensão que a *Coleção Goiânia em Prosa e Verso* pretende atingir: despir a literatura de todos os preconceitos e deixar o pensamento se expandir, de forma ideológica ou literária, valorizando tanto o estilo quanto o sentimento. Seja qual for o nosso entendimento

do valor da obra literária, isolada ou em relação com o meio ou tempo, prevalece a noção de que escritor é aquele que tem alguma coisa interessante no domínio das ideias e sabe exprimi-las por escrito, de forma a lhe aumentar o interesse e proporcionar ao leitor do prazer intelectual à identificação dos sentimentos. Uma conexão que se faz entre o pensamento e o seu enunciado e que se faz também entre o escritor e o leitor.

Kleber Adorno
Secretário Municipal de Cultura



Pintura de Naura Timm



Sumário

| | |
|---|----|
| Era uma vez..... | 13 |
| O Caçador de baleias | 14 |
| Fantasia | 16 |
| Artista não é malandro — Pornografias e subversões de Plínio Marcos | 17 |
| Os primos | 22 |
| Miniconto sem mistério - A rosa | 23 |
| A confa do Lula..... | 24 |
| Fernanda Montenegro e o coração da matéria | 27 |
| A viagem do amor | 31 |
| Miniconto na programação da TV | 33 |
| Quimeras no Haiti..... | 34 |
| Rebeldia, a seiva de Tom Zé..... | 36 |
| Homens de preto | 45 |
| Miniconto de arrepiar - A carne..... | 48 |
| O vernissage da madame Artista..... | 49 |
| Furacão Hilda Hilst | 51 |
| O diabo de moça..... | 55 |
| Miniconto em chamas | 59 |
| O Palco e A Cama | 60 |
| A <i>dance meditation</i> de Hideyo Blackmoon..... | 64 |
| Tatame..... | 68 |
| Miniconto de suspense - O flagra..... | 72 |
| Olhos e encantamentos..... | 73 |
| Olivério e a guerrilha | 75 |
| Mistérios do mestrado | 80 |

| | |
|---|----|
| As sombras, sonhos de uma esposa | 82 |
| Maria José Silveira e as mães do Brasil | 85 |
| O segredo de Siron | 92 |
| O romance policial de Flávio Carneiro | 94 |

*Dedico às pessoas que me permitiram a inspiração,
fornecendo a matéria-prima vital deste livro - suas ilusões,
medos, desejos – e também a oportunidade de observá-las,
para transcrever as babaquices que vivem em seus dia a dia.*



Era uma vez...

Era uma vez uma Princesa que gostava muito da cama e para lá levava todo sapo quando achava que era um príncipe gostoso disfarçado. Beijava muito o bicho e nada. Lambia, chupava, mordida e nada acontecia. Os Sapos continuavam horrorosos, nojentos, machistas. Um dia, cansada das ressacas das paixões, dos enganos, resolveu dar um baile e convidar príncipes de reinos distantes.

Foi uma linda festa que durou sete noites. A Princesa conheceu muitos jovens fogosos, ficou com alguns naquele embalo sensacional, distribuiu beijos na boca e transou com três. Até tentou um *ménage*, mas nenhum desencantou. Acordava sentindo o vazio, o corpo dolorido.

Ela continuava sem conhecer o grande orgasmo da grande foda mágica do qual falavam os contos das fadas vividas, rodadas. Algumas princesas amigas diziam que isso era apenas uma lenda erótica e que deviam se contentar com as rapidinhas insossas. Porém, a princesa da nossa história tinha muito tesão, desejo de amar e sentia que todo aquela forte energia era um sinal de que a vida era para ser bem gozada.

Até que um dia, em um passeio no lindo bosque encantado encontrou o Mago. Era um feiticeiro super gato. Aliás, elegância era o que o tal gato de botas tinha de sobra, cavalgando naquela motocicleta, todo gostosão. Ele chegou com o olhar mais doce do mundo, nas mãos os carinhos mais ternos, a chama e o prazer intenso, como jamais sentira. O encontro mudou a vida da Princesa que, aos poucos, aprendeu a mergulhar, voar, ao fazer amor de verdade.

Com ele, descobriu a maravilhosa arte da entrega e a desfrutar seus efeitos vibrantes. Conheceu a energia vital fazendo muito amor e gozando muito. Nua em seu palácio de cristal, praticou a arte de não julgar, não se comparar, não culpar nem a si, nem a ninguém. Aos poucos, conseguiu sentir cada parte de seu corpo pulsar. Vívida, ouviu cada emoção, não embarcou nos pensamentos.

Alegre, percorria as delícias da vida, sabores e aromas, o fogo das entranhas subindo, chegando ao coração, expandindo em luz, no vaivém de carícias proibidas pela ignorância.

Tornou-se sábia, feliz para sempre. Nem quis mais a coroa.

O Caçador de baleias

O dia amanheceu mais frio e nublado. Tantos graus abaixo de zero, um vento seco, gelado, embala a nave. Nem sinal das baleias. Horas de paciência, uma dor cortante no corpo atravessado pelo reumatismo. O velho marinheiro está a postos, esperando o monstro. Aos poucos, se conforma com o ritmo da espera olhando o céu, tentando adivinhar o que dizem aqueles ares.

Depois, mergulha de vez nas lembranças. O café quente com Adelita naquele bar, no Rio de Janeiro. Dias de verão, deliciosos, nas redes do quintal em Santa Tereza, de amor feito devagarinho, calmas manhãs, corpo cheiroso, quente e macio. Queria sempre desembarcar dentro daquela mulher linda, adocicada, para sempre.

Sente a velhice. O peso da solidão no mar aberto, nas conversas atravessadas com os outros homens vê sua história repetida. Sempre, alguma paixão em tantos portos, muitos desejos, ilusões e a liberdade de partir, dar as costas aos filhos ingratos, às cobranças familiares, a vida aprisionada na rotina terrestre. Era do mar, de outra natureza.

Inexplicável a ideia obsessiva de voltar a ver aquela mulher. Sabe que não pode correr o risco de aparecer, a dívida é alta, os juros acumulados seriam cobrados. Sabe das chacinas e que eles estavam mais fortes, até na política estavam aboletados, engravatados, com fachada de legalidade. Agora, tinham a polícia e a lei na mão. Ele é que não voltaria a pisar no morro. A mulher devia ter envelhecido também, tenta se convencer, desdenha.

Não, ela não era do tipo que embaranga. Adelita é da linhagem das deusas, daquelas que reinam eternamente atraentes. Com cem anos ainda seria capaz de seduzir, feiticeira, filha de Santo, rainha da macumba, dos batuques no terreiro. Sabia os segredos da pombagira, onde buscar energia para ser sempre gostosa.

Na dança e na voz ao cantar traz um encantamento ancestral, algo tão misterioso como aquele canto das baleias, gemido.

Onde estão as baleias? Os japoneses pagam em ouro. Dessa vez, ficará rico e voltará ao Brasil como um rei. Pagaria as dívidas, compraria a paz dos filhos com presentes. Ainda sente o ímpeto de conquistar o mundo.

O dia passa, o frio aumenta, ondas gigantes. O navio escorrega no abismo das águas e espumas. Ali não haveria animal deste mundo. Outros seres abissais surgem na paisagem. O caçador não entende o que são, parecem vegetais imensos, algas transparentes. O céu gelatinoso avermelha pontilhado de diamantes. Vem do Sol um círculo, espirais de luz e som.

O caçador não compreende, assiste, sente. A nave submerge num instante, ele flutua. Os sonhos ficam cravados na imensidão das cortinas magnéticas, na explosão colorida da aurora boreau, pintura abstrata.

Imensa é a tela do céu, monitor e plasma, infinito aquele olhar incandescente. Sobre o navegante paira a sombra de outra nau.

Fantasia

O casal recebeu o amigo nas férias. Na primeira noite, depois do jantar e das conversas foram dormir. Todos, menos a Esposa curiosa que tinha o hábito de espiar no buraco da fechadura.

Ela foi para a porta do quarto do Amigo, se abaixou, colou o olho no buraquinho e... Nada. O moço tinha o hábito de pendurar a camisa na maçaneta da porta. Mais curiosa, ela procurou algo que servisse para tirar aquele muro que censurava a cena que queria assistir.

Na segunda noite, a indiscreta esperou ansiosa que o Marido dormisse e foi para a porta do quarto do amigo, se abaixou, enfiou o pauzinho (ou era um grampinho?) na fechadura e conseguiu tirar a camisa da frente dos seus olhos aflitos.

Finalmente, quando achou que veria o que tanto desejava, viu o que não esperava. Ele estava sob um edredom, bem enroladinho. Oh, não!

Incansável e cheia de fantasias ela bolou um plano. No jantar, na noite seguinte, abriu muitas garrafas de vinho para brindarem o reencontro, o tempo de boas aventuras e das farras na universidade mineira.

Depois, repetiu a dose das madrugadas anteriores. Foi de mansinho para a porta do quarto do rapaz, usou o tal pauzinho, ou grampinho, para tirar a camisa da frente, e excitada esperava ver tudinho dessa vez. Quando focou o olhar, mais uma vez decepção... Ele estava de cueca e de braços. Oh, não, de novo!

Mas dessa vez, uma surpresa. Quando tocou o trinco, a porta não estava trancada, abriu. E agora? Ousar chegar mais perto para conferir? Será que o Amigo vai acordar? Em câmera lenta, feito uma gata se aproxima.

Um susto, ele se mexe. Fica de barriga para cima, a montanha aparece. É bem dotado, repara. Imagina e deseja. Arrisca, ou não? Quer tocá-lo.

O que você faria se fosse ela? E se você fosse ele?

Moral da história: quem pensa, não faz. Fantasia.

*Artista não é malandro —
Pornografias e subversões de Plínio Marcos*

Uma das figuras mais importantes e polêmicas do mundo artístico brasileiro penava em 1997. A censura política havia passado há tempos, porém a ditadura econômica mostrava suas garras.

Depois de décadas e dezenas de livros, Plínio Marcos colhia elogios por sua obra e não escondia sua grande batalha para sobreviver. Viver da venda de seus livros na rua, pessoalmente, o adoeceu. Quem andasse ali na Bela Vista, em São Paulo, ou fosse frequentador do Restaurante Geppetto, dava notícias dele, com suas obras na mão, camelô de sua arte.

No Brasil, viver de literatura é um milagre, a distribuição péssima ele reclama, impaciente, em determinado momento da conversa. Na época, ainda sem as facilidades da internet, sugeri ao leitor que se quisesse comprar seu novo livro, *Figurinha Difícil - Pornografando e Subvertendo*, ligasse para a Editora Senac.

Em nosso papo rápido via telefone, Plínio Marcos com o seu jeito simples, direto, preferiu falar de suas últimas aprontações, da luta pela vida. Apesar de nossa conversa ter rolado sem condições de ir mais fundo nas questões de arte, ele revela sua batalha como artista em um país que não dá a mínima para a cultura. Nem para alguém que recebeu os principais prêmios nacionais, em todas as atividades nas quais havia atuado, seja em teatro, cinema, televisão e literatura, ou como ator, diretor, escritor e dramaturgo.

Plínio Marcos, autor de dezenas de peças de teatro, criadas principalmente na época da censura também foi jornalista. Ele morreu aos 64 anos, em São Paulo, por falência múltipla dos órgãos em decorrência de um derrame, em 1999, dois anos depois que o entrevistei.

Eis o resultado de nosso bate-papo. São trechos que a editora conseguiu publicar, driblando a pressão de alguns executivos do jornal sintonizados com o mais raso da indústria cultural. Chefes ignorantes que subestimam o leitor e que tentaram depreciar a matéria por causa do vocabulário usado por Plínio para se expressar...

Era 18 de Maio de 1997:

“O autor mais censurado do País dá as caras novamente. Plínio Marcos está de volta em *Figurinha Difícil - Pornografando e Subvertendo*. Um livro que reúne várias histórias fortes e cheias de humor. A irreverência, o escracho continuam marca registrada. Lá estão lances vividos no meio da malandragem paulistana, na boemia e no porto de Santos. O submundo sempre topando de frente com a polícia. O viés pornográfico de sua linguagem tem cara e alma brasileiras.

Plínio escreve na língua falada na rua, em brasileiro castiço, mas seus personagens não são só da boca do lixo. Alguns são mitos. Atores como Solano Trindade, Cacilda Becker, Vicente Celestino e Procópio Ferreira, artistas famosos com quem conviveu. Estrelas saem do sagrado mundo dos ídolos para situações profanamente corriqueiras. Nas crônicas, ele lembra suas desventuras. Como diz, dos “tempos encardidos”.

Plínio Marcos nunca foi conveniente ao sistema. Sempre subversivo, na obra composta por 40 livros, como na vida, continuava firme avacalhando os rituais da erudição. Fazendo literatura e teatro de arrepiar conservadores, matando a pau a hipocrisia. Imagine isso em plena ditadura militar, preconceituosa e ridícula. Depois, quando vieram as turbulências econômicas dos governos civis, mais medíocres ainda, com seus pacotes de medidas políticas sempre em desfavor do povo e a favor dos especuladores.

Plínio é gênio. Soube transformar em arte a experiência pessoal com a repressão, o que é muito diferente de ser panfletário. Seu texto corta feito navalha a falsa moral e os pseudos bons costumes. É verbo - e palavrão - encarnado. Não foi à toa que D. Hélder Câmara declarou que sua peça *Dois Perdidos, Numa Noite Suja* valia mais do que vários sermões e até missas. É isso mesmo, ainda é.

Figurinha Difícil - Pornografando e Subvertendo está neste contexto de história real vivida por gente de carne e osso. Mas também tem ficção, e na dimensão do paradoxo, da fantástica, absurda e louca realidade. Plínio Marcos sabe a magia de ser autor e personagem, criador e criatura, ao transmutar suas dores e alegrias em histórias sem autocensura.

PM - Não gosto de dar entrevista pelo telefone.

NT - Mas estamos tão longe. Não tem jeito de eu pegar um avião agora e entrevistar você pessoalmente. Bem que eu gostaria.

PM - Mas, por telefone, sai furado...

NT - Vou gravar tudo.

PM - É que a gente gostaria de ver a cara, né? Mas vai lá vai...

NT - Neville D'Almeida que está levando para as telas *Navalha na Carne*, diz que seu trabalho é um clássico do teatro moderno. Como você vê isso? Passar anos e anos à margem do sistema e depois se tornar um clássico?

PM - É... O problema é que eu continuo duro, sabe? Gostaria imensamente de viver da minha arte. Eu agora estou deitado pensando aonde eu vou arrumar um dinheirinho.

NT - E você está acompanhando as filmagens?

PM - Não, eu nem passo perto. O Neville pagou para a minha filha, dei os direitos autorais para ela. Eu distribuí os direitos autorais das minhas peças entre meus três filhos e quatro netos.

NT - O que você está produzindo agora?

PM- Eu estou esperando. A Tereza Rachel está organizando um elenco para montar a *Dança Final* e aqui em São Paulo, na Três Rios (Centro Cultural Oswald de Andrade), o diretor Marco Antônio Rodrigues está montando *O Assassinato do Anão do Caralho Grande*.

NT - E sobre o seu livro *Figurinha Difícil - Pornografando e Subvertendo*.

Ele é autobiográfico? Você considera assim a sua obra?

PM - Mais ou menos. Desse livro aí o que eu tenho a dizer é o seguinte: é lamentável como o livro, no Brasil, é mal distribuído. Você não acha? Todo livro, não é só esse, *o Anão*, também. Porra, as pessoas acham do caralho. Maravilhoso, do caralho.

Eu andei quase o Brasil inteiro. Saía nas primeiras páginas, reportagens e o caralho. E não tinha livros na loja para vender. É assim, no Brasil inteiro, até em São Paulo. Eu até inventei uma frase: meu livro só é encontrado nas boas casas do ramo. Então, não é encontrado em lugar algum. (risos)

NT - Como você mesmo conta, uma vez Cacilda Becker disse sobre *Dois Perdidos Numa Noite Suja* que você conhece dez palavras e dez palavrões e escreveu uma peça incrível. Qual é a magia?

PM - É usar a palavra com sinceridade.

NT - Você continua jogando o Tarô?

PM - Continuo.

NT - Um balanço. Quantos livros você publicou e quantos foram censurados?

PM - Na época foram todos. Um montão deles, eu tenho 40 livros. Agora eu fui proibido de trabalhar, não foi só a minha obra. Entendeu? Eu fui proibido até de ir a Escola de Samba, porra.

NT - Mas acabou a censura e seu trabalho se mantém contemporâneo. Super respeitado...

PM - A culpa não é minha, é do país...

NT - Mas você saiu vitorioso.

PM - Um vitorioso sem dinheiro eu sou. Com dinheiro, não. Realmente estou numa situação econômica difícil. Porque eu não quero fazer qualquer merda.

NT - É o resultado da censura, foi quanto tempo de proibição?

PM - Foram 20 anos que eu fiquei vendendo livro na rua. Tanto que estourei as minhas pernas. No ano passado, eu quase que tive de amputá-las. Eu ia andando, de repente, as minhas pernas ficaram duras, rígidas. Aí começõu a doer, doer. Eu me agarrei num muro e estava perto de um teatro. Fui me arrastando pela parede, quando cheguei lá o pessoal falou: porra, cara, é coisa de hospital. Neste dia eu estava indo vender livro porque não tinha um puto.

NT - O que você teve? Está recuperado?

PM - Foi uma espécie de trombose, sei lá. Recuperei porque deu tempo de operar as pernas. Por um triz não foram amputadas.

NT - Já dá pra viajar e tudo?

PM - Já estou viajando.

NT - Você tem planos de vir até o Centro-Oeste?

PM - Gostaria. Uma vez estive em Goiás e adorei, me leva aí. Eu faço palestra, dou curso. Eu faço junto com a minha mulher, que é jornalista, Vera Artaxo.

NT - Cursos de quê?

PM - Eu dou curso de Magnetismo, como é que se diz, conversação. Levo livros. Tenho convites de Brasília. Eles convidam, mas não confirmam. O governador de Brasília, Cristovam Buarque, queria que fosse dar uma série de palestras na periferia. Eu tinha contado a ele que tinha feito aqui. Ele se interessou, convidou, mas nunca confirmou nada.

Os primos

Os priminhos se adoravam.

Rolaram pelo chão, deitaram no tapete macio, fizeram guerra de almofada. Ela tirou a bala da boca, colocou na dele e lambeu o dedinho. Abraçados, assistiram um pouco de televisão, estava chato. Brincaram de cantar.

Ele puxou o cabelo dela e levou um beliscão. Depois uma mordidinha, levou outra. Correu atrás, derrubou o vaso com as espadas de São Jorge. Esparramaram terra no chão, sujaram as mãos tentando arrumar a folhagem. Acharam engraçado.

Foram ao banheiro para se limpar. Tiram a roupa, com vontade de tomar banho na banheira. Um quer passar sabonete no outro, lembram da espuma, não alcançam. Risadas. Continuaram a brincadeira. Ela morreu de rir do piu-piu dele, quis pegar. Ele gritou, uivou, fez escândalo. Queria ver a perereca dela de perto. Ela deixou, abaixou a calcinha, um instante. Sente cócegas quando ele a toca de leve.

Riram muito mais. Agora as mães irmãs escutaram as criancinhas, vieram correndo. Chegaram, viram a cena: Leonardo no meio das pernas de Nanci.

Estavam nus, brincando, inocentes, como praticantes de Jiu-Jítsu. Só isso. Mas enxergaram outra coisa. Estapearam os dois, aos berros. Uma surra de estragar a alegria da infância, para provocar calafrios e culpas.

É para ressabiar, ordena a matriarca, a avó. A família está em crise, é o fim do mundo! Grita a matrona atijando as mães para baterem mais e sempre que ousarem.

Os anjos não entenderam nada. Sentiram muita dor, vergonha e humilhação. Tanta, até o corpo virar tabu.

Quem sabe com terapia, um belo dia, quem sabe sarem.

Miniconto sem mistério - A rosa

Noite de verão, o Rapaz canta no chuveiro. O alarme do carro grita, parece que chutam a porta. A Mocinha vem, tem molejo no andar, rebola.

Um uivo, a Lua está escondida ainda. O mosquito nasceu no jardim, roseira em flor. Um tapa, o anel rola no chão, há poça no corredor. Portas batem, plásticos e papéis flutuam.

O mosquito esmagado nos dedos dela. No banho, o anel escorrega e gira quase até o ralo. Não, não cai. Na madrugada, um trovão ecoa, o assóvio é ventania.

Quem roubou o quê?

Ele roubou muitos beijos. A flor aberta e quente perfuma e goza. A língua lambe a madrugada.

Chove mais, de novo gemem. Há prazer, poesia.

A confa do Lula

A Conferência se aproxima feito um bicho de sete cabeças. Época de pânico geral na repartição da Cultura daquela cidadezinha do interior do Brasil. O monstro da tal reunião pode devorar alguns políticos e agregados, principalmente a estes, grudados em seus cargos, pendurados naquele lugar entre as pernas de seus chefes, chefinhas e chefetes.

Município, Estado e Federação se movimentam no faz de conta que escuto a comunidade, sou transparente e democrático. Alguns artistas assistem de perto, embasbacados, o vaivém burocrático dos prazos apertados, documentos em anexo e discursos, ah muitos.

Os produtores culturais, aqueles que se autodenominam de peões dos artistas e que faturam alto à custa do talento alheio, fazem o medo render, complicam o simples, esbravejam nos corredores.

Um vereador ficha suja que se fazia de *cult*, de íntimo e entrosado com o meio artístico, quando dá as caras naquela repartiçãozinho a chamava de glamorosa e não perdia a oportunidade de abrir a boca para discursos longos, pernósticos, mentirosos.

Enfim, chegou o dia da tão temida reunião. O Ministério enviara o um representante engravatado que entrava mudo e saía calado. Mais tarde, correu o boato de que o jovem também era uma farsa, alguém contratado para dar uma aparente legitimidade à Conferência.

No auditório lotado, logo cedo pela manhã, o clima é de que algo muito importante será decidido. Primeiro, os tradicionais e convenientes discursos vazios. Depois, grupos são formados para discutirem temas aparentemente complexos, ilusoriamente abrangentes, falsamente profundos e escolher delegados. Tudo em apenas 20 minutos. O tempo voa.

No clímax da tensão, uma gargalha explode. O velho e gordo maestro bonachão morre de rir ao ouvir uma das propostas para área da música. Ri sozinho, se diverte em bom tom, do alto de sua sabedoria. “Pediram insalubridade para a orquestra...”, balbucia quase à beira de uma síncope. “Esses imbecis não tem o que fazer...”

Na plateia, uma turma nervosa tenta racionalizar, entender a metodologia da Conferência que chega ao auge, no meio da tarde escaldante.

Todos no ápice da irritação. Cansados das inúteis tentativas de discutir e propor, começando a perceber que caíram na armadilha dos burocratas.

A fome, a sede, as falas sem pé nem cabeça, a tediosa lenga-lenga dos trâmites, tudo tira o tesão, cria o anticlímax necessário e fundamental para quê mesmo?

É para que nada aconteça, leitor...

E assim, o nada se fez... Em poucos minutos, breves reflexões e o rito inexorável do poder está mais uma vez cumprido. Mãos para cima, votação encerrada, quase um assalto. Assim seja. Os delegados devidamente escolhidos a dedo, sob a fachada democraticamente correta foram “eleitos”.

Sejam sempre assim, idiotas em busca de aprovação, de alguns tostões, grana fácil, um punhado de *status* e autoridade de bigode, careca e paletó, pensa uma tímida funcionária, uma Socióloga, ali na beirada da mesa da recepção, para servir o cafezinho.

No seu cantinho, o poeta aproveita os absurdos para compor aforismos. Inspirado, ri por dentro, destilando a silenciosa palavra. Alguns artistas de boa fé, a maioria atores, atuam em cardumes, tentam inúteis acordos, mas estão fora do *script* dos políticos, dos verdadeiros donos do banquete da Arte Oficial.

Músicos, bailarinas, madames artistas, pobretões das Folias de Reis, Congadas e Escolas de Samba tentam participar dos grupos das discussões e da eleição dos delegados, ensaiam apresentar propostas e representantes para a Confa nacional. Doce ilusão.

Na cena, o movimento das personagens é rápido, ávido em morder um bocado daquele inebriante pedaço do bolo, nem que fosse para provar uns farelos das sobras. Na grande mesa do auditório, os protagonistas celebram. Repara só nos partidos políticos, “quadrilhas institucionalizadas”, cochicha o escritor barbudo, excomunista.

Com o microfone nas mãos não disfarçam a alegria de sentir a forma fálica do poder entre os dedos. Acariciam o objeto, acham que reinam, que são importantes para o mundo e que ninguém percebe as cartas marcadas escondidas nas mangas. Manipulam os resultados e se autoproclamam reis, sábios, deuses.

Fodões e fodonas comemoram a vitória. Alguns doutores da universidade pública falida disputaram com eles e conseguiram ser piores entre os péssimos. Teriam de fazer doutorado em maracutaias para vencê-los naquela linha de pesquisa.

No passar das horas, o público diminui, poucos ficam para o *gran finale*. A plateia que resta, na maioria, é formada por funcionários convocados para serem a claque, figurantes imprescindíveis ao jogo.

A Conferência termina e alguns dias depois começa a distribuição dos certificados, documentos, provas incontestáveis de que o Nada foi realizado dentro da Lei.

Enquanto isso, os artistas da província se recolhem às suas insignificâncias imaginando projetos e conchavos para a próxima farsa. Eles ainda sonham entrar para a patota, serem poderosos e ascenderem ao patamar da Mediocridade Absoluta. Querem ser o top, o “mió” da Cultura da província, na Confa do Lula do ano que vem.

Fernanda Montenegro e o Coração da matéria

Fernanda Montenegro é protagonista de uma história que reúne bastidores do jornalismo provinciano do Brasil. Era uma vez uma edição do Festival de Cinema de Brasília que já foi, nos anos 60, e por muitas décadas, sinônimo de vanguarda, de arte, diretamente conectado ao Cinema Novo.

A atriz Fernanda Montenegro considerada a grande dama do teatro do Brasil foi homenageada do 30º Festival de Brasília do Cinema Brasileiro, em 1997. Naquele tempo, apesar da pequena distância entre Brasília e Goiânia, nenhum jornal goiano se interessava em cobrir o mais antigo evento de cinema do país.

Por ter vivido e trabalhado em Brasília, consegui credenciamento como repórter, porém a organização do festival não forneceu passagem, hospedagem e alimentação. O que era praxe para qualquer jornalista do Brasil, ou do exterior, não era para os goianos, talvez em função da rixa de vizinhos, eram taxados de caipiras e burros.

Por outro lado, nem o maior veículo de comunicação de Goiás quis bancar a hospedagem, ou a viagem, apesar do evento ter a perspectiva de render manchetes e muitas páginas de assuntos interessantes aos leitores. Assim era passado o recibo de burrice e o atestado caipirismo.

Para você ver a enorme distância de interesses e de mentalidade, que existia entre Goiânia e Brasília.

Eram dois planetas separados por quilômetros de muito preconceito. Para conseguir desenvolver o trabalho jornalístico me dispus a viajar de ônibus, sem direito a hotel, investi no autopatrocínio. E valeu à pena, em especial por um grande momento: a inesquecível entrevista exclusiva com Fernanda Montenegro.

Considerada diva, esta carioca da gema, tijuicana, que nasceu no Rio de Janeiro, a 16 de outubro de 1929 e iniciou sua carreira em 1950, merecia ser incensada como um ícone. Uma grande artista que superou muitas barreiras, entre tantas, em primeiro lugar, o preconceito de gênero que tornava, e ainda torna, tão difícil a vida das brasileiras e de outros milhões de terráqueas.

A entrevista foi concedida antes da cerimônia oficial, em pleno hall do Hotel Nacional de Brasília, QG tradicional do evento, desde os tempos do Ci-

nema Novo, quando reunia Glauber Rocha e gente disposta a fazer cinema autoral. Sem atropelos, ou disputa de gravadores e microfones, porque cheguei no momento exato, por pura sorte, sem outro repórter no pedaço.

Fernanda Montenegro falou sobre o tema quente naquele momento, a mobilização dos artistas contra as medidas econômicas do presidente Fernando Henrique Cardoso que estavam para ser votadas.

Esbanjando elegância e magnetismo de rainha, se expressando não só por meio das palavras, mas também por sua postura impecável, energia irradiante, a estrela observou que as três décadas do Festival representariam 300 anos em um país com forte tradição cultural.

O som de sua voz, num tom suave e firme era acompanhado por seu olhar direto nos meus olhos. Concentrada, fascinada por aquele ser, ainda lembro de minha admiração pela beleza natural da artista, que mulher rara.

Depois, mais tarde, na cerimônia no palco do Cine Brasília, em seu discurso, Fernanda Montenegro lembrou o quanto a cultura foi massacrada no governo Collor e reivindicou. “Delicadamente, mas firmemente, peço ao governo que reveja o problema da cultura neste pacote, porque a cultura é o coração da matéria”.

Adorei o “delicadamente, mas firmemente” e fiquei embevecida com cada palavra que brotava das pausas, do silêncio marcado pela emoção e verdade. Também sei tietar.

No ano seguinte, a artista arrasou no filme *Central do Brasil* de *Walter Salles* concorrendo ao Oscar de melhor atriz e ganhando o Urso de Ouro, no Festival de Berlim, em 1999.

E para demonstrar, mais uma vez, de novo e novamente como a lentidão é uma das marcas da política brasileira, quase dez anos depois, em 2008, o apelo de Fernanda Montenegro não tinha encontrado ressonância, nem tido algum efeito nas atitudes dos donos do país: cantor Gilberto Gil pediu demissão do cargo de Ministro da Cultura do Lula sem conseguir que um por cento do orçamento fosse destinado à Cultura. Um por cento!

Veja como a entrevista é atemporal.

NT - Qual o papel do Festival de Brasília do Cinema Brasileiro no cenário atual?

FM- É um festival muito importante para este País. Ele vem sendo realizado todos estes anos e neste momento agora, que é muito delicado, o festival está presente, é atuante, reivindicativo. Porque é sério, não desanima. Diante da dificuldade, arreda a dificuldade. Se não é por aqui, vai por ali. Então, esta permanência do Festival de Cinema de Brasília dá a dimensão de um evento importante, de qualidade, e que agora já é necessário, inarredável. É um marco. Há um pacote aí e nós artistas temos reivindicações a fazer. Nós sabemos que o setor cultural vai ser contemplado, ele vai ser atendido nas suas expectativas. O cinema é uma força, o cinema é um país.

NT - Mas a cultura não é considerada prioridade...

FM - A cultura é o sal da terra, é o coração da matéria. Não é um investimento de abalar a estrutura de um país e sabemos também que nosso trabalho não é individual e abrange muita gente, seja no cinema, teatro, na dança, na música... Existe uma série de etapas.

NT - A senhora está acompanhando a movimentação dos artistas no Congresso?

FM - Não, eu assinei a reivindicação, mas não vim porque eu estou gravando a novela. Gravei segunda, terça e quarta, me deram quinta para vir aqui e amanhã já volto. Não estive no Congresso, nem no Ministério da Cultura, mas os meus colegas estiveram. Eu também estou no abaixo-assinado.

NT - E como estão as negociações?

FM - Eu acho que seremos atendidos. Tenho certeza. O presidente Fernando Henrique Cardoso é um homem de cultura. É um intelectual. O nosso ministro da Cultura, Francisco Weffort, também é um homem qualificado, que está levando com muito acerto e muito capricho o seu ministério.

Além do que, há representantes no país que a gente sabe que são pessoas que cuidam da cultura. Destaco o Sérgio Motta, destaco o Antônio Carlos Magalhães.

No caso do presidente do Senado, eu sei que é um homem que entende as nossas reivindicações. Não tem o que temer. Nem nós tememos, chegamos aqui pedindo uma audiência para sermos atendidos. Não estamos pedindo

nada que possa arruinar o País. E não é nada para um grupo, porque cultura é para todo mundo.

Um filme você faz para todo mundo, uma peça que você faça, um museu que constrói, a recuperação de um monumento histórico, não é? Ou a recuperação de um patrimônio arquitetônico. Isso é para todo mundo.

NT - A senhora recebeu o primeiro Candango, como melhor atriz, no primeiro Festival de Brasília e agora está sendo homenageada. Como se sente?

FM- Eu acho isto muito bonito. Para um país como o nosso, onde todo o ano você começa com um tipo de vida diferente, você saber que tem um festival de cinema com estes anos todos, não é? E também a gente, como profissional insistiu estes anos todos. Tem uma hora em que a gente, novamente, está presente neste espaço, onde se realiza este festival. Fiz alguns filmes importantes, fiz pouco cinema, mas fiz filmes importantes.

NT- Como está seu trabalho no cinema?

FM - Estou participando de dois filmes que entram no circuito no ano que vem. Um é *Central do Brasil*, de Walter Salles Júnior, cujo roteiro ganhou o primeiro lugar no *Sundance*, concorrendo com três mil roteiros. Estou em outros três curtas, que formam um filme inteiro do livro *Traição* de Nelson Rodrigues, com diretores como Cláudio Torres, Luiz Henrique da Fonseca e Arthur Fontes. Todos jovens. Então, estar aqui é muito bonito. Tanto que a gente quebrou lanças. Estou fazendo uma novela, no maior pique, me sinto envaidecida.

NT - Qual o seu recado para as novas gerações de artistas brasileiros?

FM - Não podem se apavorar com a ilusão. Muita gente pensa que é um caminho que não rende, que não contribui, que somos uma perfumaria. Nós somos importantes. Ter esta convicção e fazer o seu trabalho, isto é o que importa.

A viagem do amor

O homem que faz amor é um espécime raro. Enquanto os outros estão correndo atrás de mulher, ou correndo dela, ele se delicia. Às vezes, com duas ao mesmo tempo. Não é sexo, é energia sensual em ação para ensiná-la a chegar ao prazer, ao despertar. Segura a ejaculação, faz amor de muitas formas com a naturalidade de um suave beijo no rosto.

É gentil, incapaz de uma grosseria, sempre atencioso, asseado, cabelos e barba cuidados, inteligente, sensível, de conversas inspiradas. Em seu apartamento de solteiro, recebe as bem-amadas. O lugar organizado com tecnologia aplicada para transformar o espaço climatizado, perfumado, em um paraíso para a mulher descobrir a arte do gozo, nas ondas de orgasmo.

Ela chega no meio da tarde, ansiosa, falando pelos cotovelos. O Homem a espera nu, de banho tomado, silencioso. Ela sente a delícia do hálito, a maciez da pele e da barba. Conversa um pouco mais, algumas amenidades, “faz calor lá fora, o trânsito está terrível”, tenta disfarçar a emoção enquanto tira a roupa e vai para o banho. Chuveiro e ducha caprichados.

O Homem a espera, ligou o som, preparou uma bebida, um suco ou vinho, lanche com algumas frutas, bombons, docinhos. A música encantadora, a iluminação suave. Ela chega, o coração aos pulos.

Será que o que vem em seguida deve ser descrito, será que as palavras podem traduzir a beleza deste encontro? Devo continuar a contar as intimidades deste casal que se entrega à brincadeira? É preciso contar ao mundo que isto é possível. Um homem e uma mulher ainda conseguem sentir a dimensão da entrega total, do mergulho pleno no corpo, o universo de sensações do paraíso, desempenho sem pecado nem culpa, um tempo imensurável.

Amor que toca com a língua aquele corpo divino e suga, acaricia com a boca morna e fazer assim a faz fluir, vibrar, se sentir em outra dimensão. Prazer até as lágrimas surgirem e quando escorrem, ela muda de posição, se movimenta de outro jeito, lânguida, quer experimentar outra.

Na órbita proibida ressurge o desejo. Recebe mais e mais carícias, depois é penetrada. O ritmo, suave. Maleável, sentindo a liberdade de um voo aprende a sentar sobre, mexe as coxas, corpos flexíveis, percebe a energia aquecer cada vez mais, expandir, percorrer o corpo inteiro. Até cansar.

Depois do amor está diferente. Sintonia feminina, inspirada, calma, jovial, levando a vida numa boa, sem ansiedade, raiva ou medo. O efeito é

transformador. Maravilhosos dias em que viver ganha sentido, alegria de se deixar levar. Para de se identificar com os tormentos de uma existência que tentava preencher com dinheiro, recheiar com poder, inflar de *status*.

Desperta, fica linda, irradiante, cada vez mais gostosa. Quer mais amor, rejuvenesce, mantém o viço. Mulher de sorte, essa. Tem o privilégio de ser desperta pelo Homem de verdade.

Moral da história amorável: toda mulher é uma bela adormecida, porém o garanhão não é suficientemente desperto para transformá-la em princesa. Eis mais um dos grandes mistérios do Livro da Vida.

Miniconto na programação da TV

A lei da espada domina.

No deserto, há cadáveres, uma cruz no peito, cavalos e reis. Depois, fogo, neve, velas acesas. Veio o naufrágio, vinho, tempestades de areia têm.

Há a máscara e, no outro canal, um bebê e a dúvida. A família em volta da mesa: coca ou suco?

Nova sintonia. Em outra emissora, a mulher negra dourada rebola. Aperta o controle sintoniza e o esquiador escorre suavemente montanha abaixo. Mais velocidade, comentários idiotas.

Outro clique, um branco na tela.

De volta à espada, a imagem está perfeita. A lança em riste. Tem batalha antes do *The End*, tem casamento na capela.

Estão na cama, vista magistral, digital. Fecha a cena um close no coração exposto. É Cristo seminu.

Quimeras no Haiti

As crianças cantam em um orfanato, no Haiti. Depois do terremoto, da tragédia, uma imagem de esperança e beleza. Antes, a tela mostrou dois corpos sob os escombros. Um pouco antes, no primeiro bloco do noticiário, a imagem focou dezenas de cadáveres jogados por caminhões, em uma vala comum. A triste cena emplacara as capas de jornais pelo mundo.

Cedo, Anna Galiano reviu essa matéria que tinha feito há alguns meses, antes do terremoto, para um programa dominical. Nela, a Repórter estrela assistiu às mães preparando biscoitos de barro e gostou de se ver tão bem. Agora, a produção estava à procura daquelas pessoas, ou melhor, como diziam no jargão, personagens. Queriam saber o que aconteceu com aquelas famílias, o que sobrou daquele lugar.

Parece que será apenas mais um dia de estresse, pensou e suspirou a Jornalista famosa. Era uma jovem bonita como uma boneca de desenho 3D, seu rosto não transparecia enorme carência afetiva, nem a voz revelava a intensidade de suas emoções. Tinha o perfil da profissional perfeita. Aparência impassível, bela.

No meio da manhã, Ele chegou com sua boina azul e naquele uniforme parecia um super-herói, um deus. Mesmo com dor de cabeça, sentindo um mal-estar constante e a pressão da hora, mesmo assim, Anna teve aqueles segundos fatais de fantasia e ficou louca pelo rapaz. Caiu na armadilha. A Jornalista se apaixonou, comentavam. Amor impossível lhe disseram logo, entre risadas sacanas.

Cai na real, repetem mil vezes. Anna não acredita, deve ser intriga, maledicência de invejosos. Sente o corpo tremer, uma vertigem leve ao ouvir o nome dele ou o som da voz, ao longe, no comando da tropa. Homem inteligente e lindo. Imagina o primeiro encontro, a sensação do beijo, o que Ele diria para conquistá-la.

No devaneio, sonhando, vive os poucos minutos de paz que a televisão lhe concede. O mau cheiro, o calor, a sede a faziam acordar para a paisagem em escombros. Tinha pauta para cumprir, horário para ir ao ar. Não, Ele não é gay, podem morrer de rir, você estão com inveja. Era seu príncipe que finalmente tinha chegado, tinha certeza.

Mais um dia de luta contra a fome, tudo anotado no bloco, gravado, fotografado. Porém, numa tarde, um susto, outro tremor de terra. Do acidente terrível com seu amor, só soube de madrugada, quando a acordaram para contar.

Não morreu não. Um mês depois, Ele voltou ao Brasil e logo se envolveu em um escândalo numa boate. Anna ainda não quis acreditar.

O comandante foi expulso dos Boinas por ser viado, saiu nas capas, nos sites, espalharam a notícia, lhe disse a melhor amiga, se sentindo constrangida por feri-la daquela forma. Sempre confiante, a Repórter respondeu que era uma conspiração de invejosos contra seu amado.

Na Internet, investiga. Descobriu onde Ele morava e para lá voou numa tarde terrível de chuva, no Rio de Janeiro. De tardezinha, na enxurrada, encontrou a rua da Tijuca. Bateu na porta, sem avisar. Ele abriu, de short, sem camisa, sem a boina azul.

Anna tremia ao lhe estender a mão e pedir desculpas por chegar assim sem um telefonema, mas precisava dizer pessoalmente o quanto era solidária e o quanto o considerava depois de tudo que viu e assistiu no Haiti, da força que ele tinha no comando daqueles homens naquele momento tão difícil e o quanto desconfiava dos interesses que ele havia contrariado e de que alguma força maligna oculta estava por trás de toda essa campanha de difamação pura calúnia infâmias que jogavam contra ele.

Ufa!

Quando terminou o jorro piegas ficou um silêncio imenso. Os olhos dele estatelados, brilhando. Estupefato, bobo, desentendido. Ela em êxtase.

Aí, do quarto uma voz efeminada gritou: “Quem é Janjão? Mais que pizza mais demorada, benhê!”

Rebeldia, a seiva de Tom Zé

Tom Zé é um artista brasileiro de ponta. Compositor, cantor, arranjador e ator, natural de Irará, Bahia, nasceu a 11 de outubro de 1936. Considerado uma das figuras mais originais da Música Popular Brasileira, ele participou do movimento musical conhecido como Tropicália, que surgiu nos anos 60, e se tornou uma voz independente, de destaque no cenário musical do país.

Depois, por um longo período, sumiu. Na década de 90, devido à intervenção do músico britânico David Byrne, que ficou com o crédito da redescoberta, Tom Zé sai do ostracismo e volta a ser aclamado pelo público. Com aplausos da crítica internacional que considerou *The Best of Tom Zé* um dos dez melhores discos da década dos anos 90, foi aplaudido pelas novas gerações.

Um milagre, uma exceção num país sem memória. Décadas se passaram e quando o baiano reapareceu na mídia, com força total, era um jovem aos 64 anos, como disse Washington Olivetto, feliz por ser amado pelos estudantes. Em entrevista, nesta época, ele me falou sobre seu *CD Jogos de Armar - Faça Você Mesmo*, lançado em 2000, dos instrumentos, sobre o ritmo que inventou, a experiência de transitar entre a erudição e o folclore, a importância da arte popular e a proposta de transformar o ouvinte em parceiro.

Também lembrou a grande decepção, em 1973. Apesar de *Todos os Olhos* não ser tocado nas rádios, o disco ficou famoso principalmente pela capa inusitada, criativa, irreverente. A foto de uma bola de gude no que parece ser um ânus, mas que garante alguns, é a boca de uma modelo, criou controvérsias, se tornou Cult e premiada, símbolo de transgressão.

Tom Zé é exemplo de como a rebeldia, quando ela representa atualização e ousadia, é necessária na arte e na vida. Rebeldia, um super ingrediente potencializador que ele define como “a proteína social indispensável para o crescimento do espírito”.

NT - Como foi o processo de criação do CD *Jogo de Armar*?

TZ - Em 1978, no dia 19 de Maio, fiz um show em São Paulo onde levei instrumentos num estúdio menor de desenvolvimento do que estão agora. Naturalmente, este tipo de ideia não foi aprovado em nenhuma gravadora.

Os instrumentos foram guardados na casa de amigos e acabaram se perdendo. Grande parte estava no sítio de um músico que tocava comigo. O pai dele reclamava muito, então o caseiro queimou todas as peças de madeira dos instrumentos, num inverno frio aqui de São Paulo.

NT - O que o levou a retomar a pesquisa de instrumentos?

TZ - Essa coisa foi esquecida, enterrada. Depois teve o episódio de David Byrne ter me descoberto e, finalmente, agora a gravadora Trama me autorizou e financiou a construção dos instrumentos. Pelo menos a parte de instrumentos experimentais foi assim.

NT - Você aproveita ruídos produzidos por enceradeiras, aspiradores e liquidificadores. Como isso funciona?

TZ - O refinamento dos erros ensina. Todo trabalho é ajudado pelos erros. E na construção a gente teve essa coisa, principalmente na orquestra de Hertz, uma espécie de Sampler, que hoje se chama Hertzé.

Foi o que mais implicou em dificuldade, até acertar, até chegar a uma maneira de o instrumento funcionar em palco. Nós reconstruímos agora, algumas canções e ideias já estavam prontas em 78.

Em princípio, tinha vontade de só gravar o que já estava pronto. Mas não resistimos à tentação de botar a música nova chamada Chamegá, por causa da dança que contém. E também a passagem de som, que foi uma ideia que tive há uns cinco anos.

NT - Dá para descrever estes instrumentos?

TZ - Os instrumentos de eletrodomésticos provocam curiosidade por serem de um material tão bizarro. Na verdade, o motor da enceradeira nunca é escutado pelo público. Um teclado aciona os motores e outro abre os microfones de contato colocados em determinados lugares.

De metal, só são aproveitadas as enceradeiras antigas, quando ainda eram de metal. A vibração passa por uma mesa, onde se dá a natureza do som que a gente quer. O público só ouve o acontecimento sonoro quando nós abrimos os microfones. Os motores não são escutados.

NT - Esse ritmo novo, o Chamegá, é um sincretismo?

TZ - Não é um ritmo híbrido, não. O Chamegá é um ritmo novo, uma batida de violão nova. Já em 76, eu tropecei numa batida de violão e nós todos, os músicos amigos, ficávamos curiosos: “Que coisa interessante!”, dizíamos. “Eu não acerto entrar, não acerto contar”, diziam.

“Que hora é o tempo forte, que hora é o tempo fraco?”, perguntavam. E todas essas especificidades foram obrigando o músico a dizer: “Puxa, eu queria fazer uma bateria pra isso! Queria compor um contrabaixo pra isso e a cada hora que uma solução ia sendo encontrada íamos ficando contentes, até que Lauro Léllis, que é meu baterista, me chamou a atenção. Disse: “Tom Zé, você tem um ritmo, você devia compor um disco todo com este novo ritmo, como quem registra esta marca”.

NT - O Chamegá é a marca do disco?

TZ - Eu não fiz o disco inteiro, nesse disco a gente fez algumas canções e como ficou muito dançável, muito gostoso, nós compusemos uma pequena coreografia. A sugestão de passos está na capa e o próprio disco tem os passos principais. Laura Andreato e Paula Lisboa arredondaram a dança. No lançamento, mostramos. Ficou muito alegre, muito bom.

NT - E esta novidade de CD auxiliar, qual o objetivo?

TZ - Com CD auxiliar, qualquer pessoa em sua casa, até um radialista, pode remontar, recompor qualquer das canções. Mas, se eu compusesse canções como *Chega de Saudade*, não poderia contar com esse recurso, não poderia oferecer essa possibilidade ao ouvinte.

Isso porque uma composição nesse gênero tem uma linha melódica contínua, uma harmonia que acompanha toda canção. E como as minhas canções são feitas com pequenos *loopings*, acho que é o nome mais popular no Brasil, pequeno trecho musical que se repete, principalmente no baixo. Como minha música é feita com módulos, fica possível oferecer esses *loopings* em separado para serem remontados. O que eu faço também é uma montagem. A pessoa põe no computador, através do CD auxiliar, ou usa

um gravador multipista, ou na sua própria banda de garagem. Pode remontar a música de uma maneira diferente e, se possível, fazendo outras letras.

NT - Você provoca uma espécie de parceria?

TZ - No encarte do disco, mando trechos de letras que não usei. É para incentivar também essa criação de textos, de letras e no CD auxiliar, de vez em quando, falta alguma coisa daquelas que eu coloquei na música.

É uma maneira sim de instigar o parceiro distante a criar uma coisa para substituir, ou tocar essa coisa no seu próprio instrumento. Um radialista, por exemplo, pode fazer uma remontagem da música e ter na sua emissora uma música absolutamente impossível de outra rádio ter. Aí ele se torna meu parceiro, registra e também recebe direito autoral.

NT - Música de vanguarda tem público no Brasil?

TZ - Não faço exatamente música de vanguarda. A partir de 76, me defrontei com essa ideia de fazer música modular, que lembra um pouco uma configuração nas artes plásticas.

Lembra os módulos de Alexander Calder. Aqueles móveis, aquelas peças giram de acordo com sua circunferência e tamanho de modo que você nunca encontra o objeto de uma mesma maneira. É uma probabilidade muito remota e a música que faço lembra aquilo. Por isso, você pode montar diferente um objeto de Calder, em outra posição e distância.

NT - Foi difícil assimilarem esse trabalho de ponta, de pesquisa?

TZ - Eu tropecei com isso, não foi uma coisa refinada do meu caráter, uma intenção de compor uma música que fosse adiante da música dos outros, que tivesse a chancela da novidade, do vanguardismo.

No princípio, me criou muita dificuldade. Eu não tinha essas tentativas de composição muito ajustadas para chegarem ao ouvido do consumidor, do fã, do ouvinte sem muitas arestas, de uma maneira mais palatável.

Os próprios instrumentos ainda eram manejados com dificuldade, com tecnologia muito precária, sem dinheiro. Em 78, eu vendi uma casa de praia. Fui um artista que circulou muito e fez muito sucesso de 68 a 73.

Em 73, quando eu fiz aquele disco *Todos Olhos*, eu caí. Achei que ia agradar, porque era diferente, com novidades, mas ele não tocou em rádio. Eu desapareci, entrei na fase de ostracismo.

NT - A que você atribui essa fase?

TZ - O disco tinha músicas bastante populares, mas não deu certo. Só veio fazer sucesso 17 anos depois, com o *The Best of Tom Zé*, que inclui quatro músicas dele. Eu digo que nunca fiz uma canção, fiz tentativas. A cada disco, com as dificuldades, com a recusa das gravadoras – embora não tenha queixa de nada, acho natural - fui aprimorando, fui chegando perto das canções “normais”.

Não gosto de chamar de vanguardismo, mas não deixa de ser uma coisa um pouco diferente. É mais uma dificuldade natural do que uma tentativa de ser a novidade.

NT – É o preço por desenvolver um trabalho fora dos parâmetros da indústria cultural?

TZ - Uma coisa dessas em que você tropeça e se apaixona. Que você passa a lutar por ela, acaba sendo fora do produto industrial normal.

NT - Você investe num sincretismo musical com fortes referências na música nordestina, erudita e dodecafônica?

TZ – Realmente, eu estudei. Sou uma pessoa em que a influência da música da infância está plenamente presente, mas eu estudei numa escola de música pós-moderna, na universidade da Bahia, nos anos de 61 a 67, dirigida por Koell-Reutter e Widmer.

Apesar disso, dodecafonismo, serialismo, atonalidade, politonalidade, essas coisas no meu espírito funcionam hoje como grades matemáticas. Politonalidade você pode encontrar, às vezes, na minha música. Não faço uma música tonal, mas também não é atonal. E é uma música cantável, apesar de não ser tonal.

NT - Qual é a síntese entre as suas propostas, a música popular e a erudita?

TZ - Quero explicar bem isto. O cérebro do homem tem um recurso que independe da vontade da criatura. É quando você aprende qualquer sistema. O cérebro é capaz de fazer uma coisa que a teoria da informação chama de tradução intersemótico, tradução entre linguagens de sinais diferentes. Exemplo prático: no meu modo de entender, a Bossa Nova fez a ponte Rio-Niterói. Vamos tentar explicar. A Bossa Nova fez com altura relativa, quer dizer, notas musicais. Fez com tempos, tempos fortes, tempos fracos. Fez uma estrutura com esses elementos, com esse material que é próprio da música.

NT - Sua música com raiz na cultura popular tem ressonância da erudição?

TZ - O cérebro humano faz essa coisa. Usa algo que aprendeu em um sistema de sinais. Sem precisar pensar, o homem, quando está tentando resolver outro problema e já conhece aquela sistemática anterior, processa esses dados para o novo problema. O que aprendi na escola eu processo dessa maneira. Uso o sistema em outra direção. Mas eu não faço música dodecafônica, serialismo, politonalidade. Naturalmente, esse estudo sofisticado me ajuda a trabalhar com a música sertaneja que está no meu coração.

NT - A revista Rolling Stone classificou o CD *The Best of Tom Zé* como um dos melhores discos da década. Como isto refletiu em sua carreira?

TZ - A primeira coisa é o lado humano. Orgulho, alegria, felicidade de ver uma coisa que você fez sozinho, no escuro, deserdado. É claro que tem o apoio da família, mas eu fiquei deserdado, perdi meus pais na hora em que essa música que eu tentava fazer não teve aprovação no Brasil. Depois de tantos anos, essa música vai para lá e o disco é considerado um dos melhores da década. Todo mundo no Brasil ficou mais curioso ainda, abriu espaço em gravadoras. Ter respeito e consideração é a melhor coisa que você pode conseguir no mundo. Melhor do que ter dinheiro, sem dúvida.

NT - Desde quando sua carreira está se desenvolvendo no exterior?

TZ - Desde 93. Fiz uma vida quase toda no exterior, porque aqui não era procurado. Tinha mercado nos Estados Unidos e na Europa, para onde eu fazia excursões. Depois os convites foram aumentando, até que em 98 eu fui fazer o *Abril Pro Rock*. Às vezes, diziam que eu era um artista difícil, que fazia uma música sofisticada. Nunca achei isso, mas também não se pode ficar brigando com o que dizem.

NT - Como foi a volta por cima?

TZ - Em 98, aconteceu uma espécie de milagre, me escalaram para o *Abril Pro Rock* como uma atração média, para tocar lá pelas 18, 19 horas, quando as melhores seriam lá pela meia-noite. Eram 8.500 pessoas e não disseram “Saiam, deixem os intelectuais, vai tocar um artista difícil”. Não, não. Eu toquei e o mundo veio abaixo.

O público gritou meu nome o resto da noite e a crítica estava lá. No outro dia, eu era um artista popular. Deixei de ser difícil. Neste dia, em Recife, acabou-se o mito e nasceu um cantor.

NT - Você vai fazer turnê? Quais são os planos?

TZ - Devo abrir o *Rock in Rio*, dia 18 de Janeiro, na Tenda Brasil. E em Janeiro estarei em PortoAlegre. Tem Salvador, em Fevereiro. A gravadora ainda está organizando a turnê. Espero poder ir para esse lado do Brasil onde nunca fui.

NT - Quais são os projetos?

TZ - Essa ideia de fazer um disco que todo mundo pode retrabalhar em casa é a Música Popular, que é uma arte segregada, no concerto das grandes artes. É considerada uma arte menor e acabou sendo vanguarda.

Vamos tirar essa palavra vanguarda, acabou sendo a primeira a fazer um trabalho que pode ser recomposto pelo próprio comprador de disco. Estou com 64 anos e tem uma coisa curiosa: o publicitário Washington Olivetto foi no show de estreia, entrou no camarim e disse, brincando, assim: “Finalmente, um artista jovem no Brasil”.

NT - Em que aspectos seu trabalho tem características da arte contemporânea?

TZ - Muitas artes já permitiam alguma participação. Mas é a primeira vez que as peças podem ficar na mão da pessoa para ela remontar da maneira que quiser. Então, a arte mais humilde acabou sendo a que chegou primeiro. A gente fica contente de ter tido essa idéia que deu certo pelo tipo de música que faço.

NT - Como avalia o nível da música que toca no rádio?

TZ - Sobre essa coisa de nível baixo na música brasileira, a gente chora de barriga cheia. O Brasil faz hoje a melhor música do mundo. Não digo isso para fazer gracinha no seu jornal, digo isso em qualquer lugar. Além de tudo, o Brasil tem lastro para endossar o que faz. O lastro que tem - e Goiás é responsável por parte disso - é o folclore. Dizem que o Brasil não tem terremoto, é mentira. A terra no Brasil treme constantemente por causa da força do folclore, que está debaixo do barro do chão.

Se você andar 100 quilômetros, para qualquer lado, a partir de Goiânia, você verá uma nova visão de mundo consumada, construída. Dizem que cada língua tem uma cosmogonia, filosofia, metafísica. E cada língua folclórica dessa que o Brasil tem, a cada 100 quilômetros, tem uma maneira de interpretar o universo, de conceber as aspirações metafísicas que vêm no hipotálamo do homem, desde que o cérebro começou a se montar em cima do nosso corpo.

O maestro Júlio Medaglia costuma dizer à sua mulher Nadine, que é alemã. “Nadine, aqueles países do norte da Europa estão em estado de inanição, de miséria, de pauperismo artístico porque não têm mais folclore”.

NT - A remontagem que você propõe significa um momento de mudança na MPB?

TZ - Qualquer pessoa sabe que em volta de si tem uma força motriz que é gerada pela natureza vigorosa, espermática do folclore que está por aí. É claro que num país com baixa escolaridade tem de ter uma música bem fácil para a pessoa se divertir.

Tem de ter a música de dança, porque o corpo é um templo que precisa ser movido, azeitado com movimentos, para a pessoa não ter de ir para o INSS muito cedo. Então tem de ter a música rítmica, caipira. Tem de ter tudo isso. É normal que num mercado de consumo as coisas fáceis circulem. Mas a vida no planeta Terra é assim, começam a nascer bolsões de público que querem algo diferente. Como a garotada que vai nos meus shows e quer o que não toca no rádio.

NT - Qual o ingrediente que atrai o jovem?

TZ - É impressionante. Eu, com 64 anos, todo ano toco para os calouros da USP. O principal produto que eu faço não é música. É uma proteína social chamada rebeldia indispensável para o crescimento do espírito. Em rebeldia ainda tem ética, esperança de um mundo justo. O jovem, antes de se tornar um cidadão amorfo, tem esperança no respeito humano. Minha música contém esta rebeldia.

NT - É uma forma panfletária?

TZ - Música de protesto hoje é absolutamente inócua. A minha tem algo de protesto, mas sei que isso é inócua. O que é aproveitável, aquilo que corpo aproveita, a seiva mesmo de minha música é a rebeldia.

**Entrevista publicada dia 4 de Dezembro de 2000, no Jornal O Popular, em Goiânia, e disponível na eNT Revista Eletrônica www.nadiatimm.com*

Homens de preto

Não basta entender tudo sobre os animais, disse o repórter enquanto coçava a anta. Na imagem seguinte, com a lanterna, ele joga a luz ao léu e mente que se emociona com a aproximação de outro bicho. Depois do flash da cena, Leila não recorda de mais nada do que rolou na televisão, naquele sábado. Ficou mergulhada nas lembranças das boas sensações do namoro e carinhos de seu amor. Sentia tanta saudade.

Era uma vez uma moça que se sentia como aquela anta, jogada aos pés do tal jornalista, prostrada por uma coçadinha. Era uma carente, capaz de ficar de conversas bobas durante horas na Internet, ou na porta do prédio, com a vizinha idosa, gagá, rindo das caduquices. Então, aconteceu a tragédia das chuvas e o morro desabou na sua frente.

Centenas de vizinhos, entre eles duas amigas, desapareceram na lama. Leila teve seu dia de fama quando, na entrevista da televisão, se realizou contando sua vida de professora municipal e porque se sentia mais uma vítima do sistema. Foi sorte escapar da avalanche de lama e lixo, mas a casinha estava condenada e a moça anta foi parar no abrigo provisório, instalado numa escola da favela.

Aí conheceu o padre. Era bonito, corpo atlético de horas na academia, tinha um ar de bondade, achou ela. Sempre bem vestido, falando baixo e devagar, foi conquistando a confiança e o coração de Leila. Mas era padre! Dizia para si mesma, quando surgiam aquelas ideias românticas, depois da missa de domingo.

Aquele gostar proibido, pecado mortal, foi crescendo, logo vieram as primeiras carícias sutis e o inferno de um puta, sentimento de culpa.

Era um impulso forte, porém contido, travado pelas armadilhas da educação, recalçado por baixo da saia. Não ousaria ultrapassar o muro da calcinha. Ficava imaginando, tocando de leve. Enquanto isso, o padre, que não era santo, enchia os bolsos com os donativos das beatas. As mesmas que caprichavam nos lanchinhos que serviam a ele, na proporção em que confessavam e multiplicavam os desejos, excitadas com a beleza daquele jovem representante de Deus.

Seduzidas, todas faziam coro em defesa do padre quando alguém sugeria que ele não era muito macho. Aos homens, diziam, ele não enganava com aquele jeito adocicado de falar, os gestos meio efeminados e o olhar

lânguido, emoldurado por longas pestanas que abriam e fechavam, lentamente, quando o padre Luiz era o centro das atenções.

Padre Luís adorava isso, uma plateia cativa e aproveitava para ir além dos sermões, soltava a voz, cantava como uma diva, ou melhor, um anjo.

Gostava muito de palestrar com certo oficial que, de vez em quando, em algum domingo, aparecia e depois da missa monopolizava sua atenção. Ele ia à paisana, mas mesmo assim, o ar perfilado de militar transparecia. Nas confissões, repetia sempre que não queria embromar ninguém, mas estava sempre envolvido com alguma mulher, queimando dinheiro e descarregando em casa, em surras homéricas, sua raiva por ser levado no bico mais uma vez.

Leila ficava ligada, ouvia partes das conversas, para ela o tal Capitão era um tremendo malandro e o padre Luís, em sua ingenuidade, não percebia que o esperto estava de olho nas esmolas. E como estava... Volta e meia saía com os bolsos recheados, feliz, mais ativo e radiante, o peito arfante. Explorava, à vontade, aquela alma caridosa.

Depois do assalto, o padreco ficava parado com a xícara de café nas mãos, olhando sem enxergar as árvores do jardim, cheias de beija-flores. No olhar vago, o brilho dos olhos ia mudando, a luz virava uma sombra, logo o rosto estava transtornado, como se tivesse levado um soco na boca do estômago. Durante o resto do dia não era o mesmo. Sem sorrir, agarrado aos livros, mal cumprimentava as beatas de plantão, ali loucas para servirem a Deus.

Um dia, o repórter das antas apareceu com uma bomba. Mais um caso de pedofilia, e agora era próximo, com gente da comunidade. O padre velho que havia abusado de uma geração de coroinhas tinha sido denunciado. A coisa fervia, Leila correu para a Igreja para conversar com Deus e com Luís.

Encontrou Luís acabado, disse que estava com dengue, muito indisposto e a despachou logo da sacristia. Não queria o chazinho não, nem as brevidades que ela fizera. Queria morrer. Não suportava mais a carga, a culpa, o horror de sua vida. Mas isso não contou para ninguém.

Só falou com o próprio olhar que encarou no espelho do quarto. Se sentia um padre de merda. O resto do dia passou fora, nos hospitais, em visitas aos doentes. Não queria pensar, nem ouvir falar sobre aquele velho viado, seu algoz na infância, a quem temia, odiava ainda e cada vez mais.

Pedia perdão por cada pensamento, assim arrastava correntes invisíveis, mas pressentidas por Leila que o seguia pelas ruínas e becos da favela.

No jornal da noite, na televisão, até o Papa apareceu. O Bispo disse algo, ela ouviu de relance. Mais denúncias de abusos e Leila começou a cismar que aquilo era um complô dos crentes, dos pastores que comandavam seus rebanhos aos berros. No fundo, desejava que o padre largasse a batina e viesse para seus braços. Seria muito feliz com aquele homem tão sensível às dores do mundo, que entoava um canto inspirado e amava os seres com uma intensidade que ela não encontrara em mais ninguém.

Será que é o fim da Igreja Católica? Embaixo dessa lama não sobreviverá, achou. E lembrou as histórias de sua avó, contando sobre os padres que a salvaram na segunda grande guerra, no século vinte. Recordava das escolas onde estudou, rígidas, sagradas, com as irmãs sempre atentas para que o pecado não invadisse suas vidas. Homem só daqui para cima, repetiam, e ela jamais teria esquecido a voz firme da noviça. Nem de seus pensamentos, da imaginação das estudantes cochichando que as freiras eram carecas e lésbicas.

Aprendeu com as mães, o silêncio, o bordado nas tardes solitárias, o gosto pela música, o medo de ser tocada, o pavor de sentir desejo, a vontade de descobrir o prazer.

Na cruz, o corpo de um homem morto a assustara muito na infância. O objeto de tortura e morte, no centro daquele palácio de sonhos, de anjos voando pintados com delicadeza, com madonas brancas, porcelanas, bonecas embalando o bebê-deus, cenas que a impressionaram para sempre.

Quando será que descobriu que Deus não mora mais ali? Nunca morara, talvez. E jamais esteve encarcerado em algum templo ou coração humano, conclui.

Talvez quando a primeira onda de lama levou uma parte de sua vida, e na força daquela tempestade, percebera uma outra dimensão. Tudo poderia acontecer, estava viva, talvez fosse isso. Quem sabe tenha limpado tantos os cantos, embaixo, por dentro que soubera o vazio, o oco, onde cabem as possibilidades? Nem julgar, nem condenar. A vida era estranha, fora de controle.

Descobriu que sempre raciocinava sem lembrar do imponderável e sempre era surpreendida por avalanches. Aquele padre de preto e olhar morno era mais uma, mesmo assim, talvez fosse amor. Ou outra ilusão. Nem ligou, nem temeu, nada é em vão, filosofou repetindo o refrão da canção da moda. Amor é a resposta para todas as perguntas, até para as que não vêm do coração.

E desligou a tevê.

Miniconto de arrepiar - A carne

Elas gemem, está esquentando. Alguém abre a janela.
Confusão no quartel general das cozinheiras. Crianças também que-
rem. Olhos azuis brilham, uma lágrima escorre.
O berço balança bracinhos, um dedo aponta para o céu. Cheiro forte.
O garfo espeta a bolha.
Há facas, facões e fumaça. Cortes, sangue.
A religião está no lar, na tevê ligada. Churrasqueira a mil, tortura
esperar um pedacinho.
Quem morreu?
Deus está vivo, berram enquanto mastigam o domingo.

O vernissage da madame Artista

Naquela tarde azul e luminosa, estava muito feliz. Havia pintado horas a fio. Na tela, flores estilizadas formadas por respingos e manchas a deixaram encantada com seu próprio talento, sensibilidade única, genialidade e brilho de estrela.

Vestiu-se com esmero, se perfumou, evitou falar com as filhas, duas adolescentes que não suportava, e de ter qualquer contato com as empregadas. Não queria ser acessível a quem não valesse à pena. Isso significa que só ofereceria o lindo sorriso de ex-miss e seu olhar a quem tivesse uma excelente conta no banco.

Amanhã, será um grande dia, o do vernissage, sucesso e aplausos. Vai provocar muita inveja com as matérias no jornal, nas televisões, bombando na Internet. Seu nome nas manchetes estará nas esquinas, nos salões de beleza, melhores restaurantes, boates e shoppings da província caipira.

Naquela noite, ficou horas pendurada no telefone, convidando as amigas, se exibindo, esnobando. O convite caríssimo e cafona criado por ela foi distribuído às autoridades, aos políticos e empresários a quem tinha interesse em bajular.

Maria Luíza Ferreira Leite Monteiro e Silva. Um nome para ficar na história da arte de Goiás, do Brasil e do mundo. Ela era uma Artista! Estava num patamar acima de qualquer mortal. Imaginava sua foto publicada no jornal: cabelos loiros e longos, pele radiante, maquiagem perfeita, close divino, vestida impecavelmente como a protagonista rica de uma novela da Globo, as mãos sob o queixo, o olhar de tédio.

Passou a madrugada caminhando pelo apartamento. A emoção de ser alguém tão especial, dotada de tanto talento, beleza e poder a jogava para o alto, no cimo dos montes do Olimpo. Não dormiu, apesar do calmante. Mal o Sol nasceu, possuía pela expectativa de sair no jornal mais importante da cidade delirava, se imaginando em exposições em Paris, Nova York e Miami, nas capas das revistas, na ilha de Caras.

Mandou algum serviçal correr até a banca para buscar seu precioso jornalco. Abriu as páginas e... Surpresa. Dessa vez, a possessão foi de ódio mortal. Nem uma linha! Jurou de morte a jornalista vagabunda que a entrevistou. Acordou um diretor do jornal e conseguiu o telefone da infeliz.

Ainda não são sete horas da matina, o telefone toca numa casinha simples, entulhada de livros e crianças. Uma voz sonolenta atende. Maria Luíza não poupa xingamentos, afinal quem essa repórter “filha da puta” pensa que é. Berra o poder de seu marido fazendeiro poderoso, bem relacionado. Diz que vai acabar com a raça da moça.

Está uma fera, esbraveja, joga o que alcança nos vidros das janelas, nos espelhos. Destrói o que está na frente. Escandalosa, cega de raiva, arremessa, quebra, detona. Não será famosa naquele dia, no seu dia de glória! No auge da fúria, gritando impropérios não escuta a jornalista que tenta entender a situação e lhe explicar que é impossível a tal matéria não ter sido publicada.

Por causa da exposição de Maria Luiza, ela havia saído mais tarde da redação. Ficou até o começo da noite identificando as fotos das telas para as legendas. Um esforço inútil de dar ênfase ao inexpressivo trabalho, porque era matéria encomendada.

“Sairia sim e bem”, tinha comentado a editora pressionada pelos executivos, capangas dos donos, gente assim com o marido da pintora. Burguesia emergente, *crème de la crème* da aristocracia rural.

A jornalista pede mais uma vez que veja as páginas com calma e desliga o telefone. Sim, o texto sobre a mostra de pinturas está lá, com destaque, no jornal mais importante da roça. A madame não tinha o hábito da leitura, nem de jornais, nem de ser artista.

Mais tarde, entorpecida pela mistura de remédios e bebidas, brindou a venda de todos os quadros. Foi o marido quem arrematou a exposição inteira, em segredo, usando nomes falsos.

Mas isso não saiu na imprensa.

Nunca mais Maria Luíza Ferreira Leite Monteiro e Silva ousou expor ou pisar numa galeria de arte. Preferiu posar de benfeitora em chás e bazares. Algumas linhas numa coluna social, de vez em quando, estavam de bom tamanho.

Achou muito exaustiva vida de pintora famosa e, pior ainda, lidar com o que chamava agora de a máfia dos jornalistas. Difamar, caluniar e desprezar artistas de verdade, essa sim se tornou a grande arte da madame. Uma expert em nulidades.

Furacão Hilda Hilst

Inovadora, extravagante, controvertida. Os adjetivos são uma tentativa de sintetizar a força da obra de Hilda Hilst, mestre da arte da palavra, da linguagem/paixão em prosa e verso, ícone de uma geração que não se contentou com o convencional.

Estavam na abertura de uma entrevista concedida em 2003. Coisa de jornalista, tentando o contorcionismo impossível de sintetizar a força e a beleza da genialidade. Não resumem o grau de ousadia e erudição da artista apenas aproximam, sinalizam e introduzem mal e mal o leitor para a conversa que tivemos, intermediada pelo escritor José Luis Mora Fuentes. A escritora estava muito doente, lacônica, fragilizada. Disse preferir mandar as respostas por e-mail.

O gancho para a matéria era que, aos 72 anos, Hilda Hilst teria a obra reeditada, 40 livros ao todo. A missão assumida pela Editora Globo foi iniciada em Janeiro de 2003 com o relançamento de “A Obscena Senhora D”, seguida pelos poemas de “Júbilo, Memória, Noviciado da Paixão”. Em Fevereiro, chegou às livrarias “Bufólicas” e, no mês que a entrevistei, era a vez de “Cartas de um Sedutor”.

A coleção era um presente aos leitores, muitos títulos estavam esgotados. Porém, Hilda Hilst considerada a maior escritora brasileira, pela crítica especializada ainda era desconhecida do grande público e ignorada no raso circuito da comunicação de massa. O final de vida estava próximo.

“*A Obscena Senhora D*” foi lançado em 1982. A trama mistura real e imaginário ao narrar o drama existencial de Hillé, uma mulher que se refugia no seu mundo interior, após a morte do marido. “Júbilo, Memória, Noviciado da Paixão” reúne poemas nos quais a escritora mergulha no universo erótico feminino e recebeu elogios de Carlos Drummond de Andrade no lançamento, em 1974.

“Você não dormiu com esse cara, não é? Os poemas são tão bons que eu sei que você não dormiu com ele”, elogiou o poeta.

Já “Bufólicas” é uma antologia poética, de 1992, na qual a tônica é o humor, a ironia e, mais uma vez, o erotismo. A obra, ilustrada por Jaguar, inclui poemas com títulos inusitados, como *O Rezinho Gay*, *A Rainha Careca*, *O Anão Triste e Filó*, *a Fadinha Lésbica*.

O livro marca o anúncio de Hilda Hilst de “abandonar a literatura séria”, conforme declarou. Esse “séria”, na reportagem, traduzi como acadêmica, burguesa, porque eu ainda ignorava os melindres de algumas editoras brasileiras. Na época do lançamento, Hilda foi contundente, em tom de desabafo, disse que mais do que mal interpretado, seu trabalho foi mal julgado.

Quando me concedeu a entrevista, disse que tinha parado de escrever. No fundo, duvidei, não podia acreditar. Mas era verdade. Segundo Alexandre Oliveira, da Editora Globo, por insistência dos amigos, Hilda compôs ainda “O Koisa”, um texto despretenso, com apenas duas ou três páginas. “Pediam para que escrevesse qualquer coisa. Então, respondeu que faria O Koisa”, revelou.

Ela faleceu em fevereiro de 2004. A Casa do Sol, uma chácara próxima a Campinas, no Estado de São Paulo, onde hospedou diversos escritores e artistas, por vários anos e dedicou sua vida à criação literária, durante quase três décadas, foi transformada em Instituto Hilda Hilst - Centro de Estudos Casa do Sol.

Nossa conversa foi uma das últimas entrevistas da escritora e suas respostas repercutiram em vários sites e e-mails que recebi de seus fãs e pesquisadores. Há alguns meses, novamente, tive certeza de quanto ainda é ignorada e a dimensão de um relevante trabalho demora a ser alcançada.

O dia 21 de Abril de 2010, quando completaria 80 anos, passou batido na imprensa brasileira, nenhuma linha em sua homenagem. Em silêncio, ao entardecer, fiz um brinde à sua grande obra e abri novamente, para reler e ressaborear, “Contos d’ Escárnio e Textos Grotescos”.

O público não sabe o que está perdendo...

NT - O que significa para a senhora ver sua obra reeditada?

HH- Todo mundo tem me perguntado isso e eu só posso responder que parece evidente que todo escritor se alegre de ter seu trabalho publicado. Só acho uma pena que comigo tenha demorado tanto. Teria sido ótimo se tivesse acontecido quando era mais moça. Aos 72, a gente fica contente, mas, ao mesmo tempo, isso já não importa tanto.

NT - A senhora declarou que escreve de modo simples e é um absurdo não a entenderem. A qualidade de seu trabalho, em forma e conteúdo, está além de nossa época?

HH- Minha linguagem é inovadora sim, e essencialmente poética. Não obedece a convenções gramaticais, tem outro ritmo porque não pensamos nem sentimos de forma simplesinha, organizada ou linear. Sei que não escrevo do jeito que a grande maioria dos leitores está acostumada a ler.

A forma é inovadora, mas não incompreensível, dizer que sou incompreensível é bobagem. Eu escrevo em português. Tem um amigo meu, o Edson, que recomenda que eu seja lida em voz alta.

A linguagem, para mim, é o que justifica você contar alguma coisa, porque as histórias, há milênios, são sempre as mesmas. O homem não mudou, nossos questionamentos e pavores são os mesmos, não modificamos nenhuma das nossas realidades essenciais, nossas emoções. Ainda nascemos e morremos como desde sempre, apesar da luta dos cientistas e dos místicos para alterar isso.

NT - O fato de desenvolver o texto de forma não linear (me dá a impressão de espirais, ciclos de mergulho profundo, como polifonias da música barroca) pode ser uma das causas dessa “incompreensão”?

HH- É, se você não escreve “Bom dia, dona Maria, como vai?”, com vírgulas e maiúsculas, isso já atrapalha. E também se você coloca personagens que se questionam com mais profundidade.

NT - A senhora admite que a loucura une toda sua obra. “Loucura” sintetiza sensibilidade, percepção, forma de expressão diferente do convencional?

HH- É tudo isso sim, mas também é um desequilíbrio total, um desarranjo. É horrível ser louco. Meu pai foi esquizofrênico paranoico e ele sofreu muito. As pessoas fantasiam muito com a loucura, ficam imaginando só um lado poético, genial de ser louco. Mas não é só isso.

Padecer de loucura é terrivelmente doloroso. E não sei até onde a loucura garante a boa qualidade de sensibilidade ou percepção de alguém. O mundo teve loucos geniais, Nietzsche, Nijinsky, tantos outros.

Mas teve os horríveis. Hitler também tinha uma sensibilidade diferente do convencional, mas era um carniceiro monstruoso. E também deve ter muito louco chato, maluco mesmo, como acontece com todo o mundo.

NT- Na contracapa da nova edição de *Obscena Senhora D*, aparece uma foto de família. Quanto de autobiográfico é seu trabalho?

HH - Meu trabalho não é autobiográfico. Eu já disse numa entrevista que falo por parábolas. E parábola é muito complicado, parece que ninguém entende.

NT - Seu processo criativo, método de trabalho, como é?

HH- Eu não escrevo mais.

NT- Prosa e poesia parecem se misturar no seu texto. Como a senhora analisa essa interação?

HH- Existe sim essa interação no meu texto. O homem é múltiplo, não tem uma só linguagem nem um único rosto, não é um ser uníssono até a morte. Nem a morte sabemos como é, nem o que é. Escrevi tudo o que escrevi e da forma que escrevi porque sabia que tinha de fazer isso. Era uma febre, uma compulsão. Fiz do melhor jeito que pude.

O diabo de moça

As cartas estão na mesa. Esta é o Diabo, o número 15. Quem? Tifon representado pela serpente e o dragão, responde a Moça. Depois, mais perguntas encruzilhadas e saídas lacônicas. Quando? Idade Média. Onde? Onde as ciências e artes são relegadas a um plano inferior. Como assim? Acha a resposta evasiva. Luxúria, paixão, fatalidade, mistérios e preocupações, o imprevisto, a força, o sexo, Marte em Escorpião, contradições e sadismo. Fica irritada. Isso não responde, parece um labirinto. Por quê? Não estou entendendo nada... Trunfos escondidos, inimigos tramam.

A moça é Daniela. Ela observa as imagens das cartas, tenta interpretá-las, porém não alcança o significado. O Imperador junto atenua o Mal, analisa, pensa, repensa, sexualidade seria sinônimo de bruxaria? Lembra há quanto tempo está sem prazer. Acha que racionaliza rápido, que é objetiva ao tentar confrontar o incomparável.

Qual é mesmo o significado do demônio na sociedade medieval e na de hoje? Talvez, suportar o peso da acusação, das culpas, bruxaria seria uma forma de controle social e religioso. Acha que está perto da resposta e diz em voz alta, como se falasse para a plateia: há muito preconceito na conexão feita entre sexualidade, inteligência e misticismo.

Conclui, mas não se convence. Isso, isto não é a solução, ainda é enigma, não há lógica, reclama, geme. Na verdade, só queria um gozo, um prazerzinho, uma alegria que fosse. Daniela suspira, excitada ainda. Sente que o jogo de cartas é mistério, como é sua servidão ao demo, à fatalidade, à paixão, aos ritos de sua avó baiana, tudo em redemoinho, um turbilhão de lembranças, imagens, necessidades de afeto e cama. Imagina, não fala. Lembra do desejo por ele, no baile *funk*, isso é simples, fácil de entender.

Só tem uma pergunta ao oráculo de papel, às cartas. Quando vão se encontrar de novo? Depois, vê o fogo, até sentiu o calor porque aquela que ali estava era ela. Viu-se, desdobrada, como em um espelho refletida, como uma estranha fotografia antiga. Outro instante, labaredas e muita gente em volta. Chamas e depois escuridão.

Viaja muito esta moça.

Às vezes, Daniela está dançando em frente à televisão e também está longe, levada pela imaginação. “Há setessentos anos, queimamos em nome do Bem, somos pecadoras”. O gesto é coreográfico, rodar a saia, rebolar, ou girar o botão e mudar a sintonia, neste rodopio se arremessa a um *Sabat*

medieval. Tira a calcinha, evoca forças do interior da Terra. Nua, quer voar, num êxtase, em arrebatamento quer seduzir. Assina o pacto de sangue, dança no terreiro, rabisca o ponto, o feitiço. A ancestral garante que é a sua indomável pombagira.

Bael concede sabedoria e invisibilidade. Forraz ensina retórica, lógica e matemática. Buer e sua cinquenta legiões de demônios permite conhecer o poder curativo das plantas. Marchocias responde com a verdade. Astaroth, senhor poderoso, desvenda os mistérios. Deseja conhecer o passado, o presente e o futuro. Quem vai lhe mostrar as profundezas do prazer?

Outro instante, porém Daniela ainda não voltou. Quando retorna do transe sorri, lembra que tinha muita festa e repete baixinho: isto aqui não presta. Acha que talvez esteja cometendo a heresia... Mas qual? A grande foda do conto da carochinha, responde rindo de si mesma. Depois esquece, não há mais pecado que a consuma, nem dogmas, cabalas, magias.

Em qual culpa vai se autodetonar, se punir? Pode escolher. Talvez se o pecado original existisse, porém hipóteses não explicam o que sente, a libido a mil. Ou será que alimentam? Vira a cabeça, diz que não, mas vai com Ele novamente. Depois do show, gosta de namorar. Outra e a mesma cópula, também gosta da sodomia, heresias. Com qualquer outro iria talvez, sempre quer amar, é instinto engolir, lamber, chupar, brincar com o perigo, se jogar, se divertir.

Perdeu o medo. Coragem é um mergulho na escuridão, nas ruínas do Glicério, dos pardieiros, dos cortiços, na madrugada paulistana. É só desejo, essa moça quer dançar. A noite é feita para o corpo, vai para a boate, um inferninho. Está anestesiada, presa ao gesto mecânico, à palavra condicionada, em transe de novo.

Na madrugada, não pode perder o ônibus e a hora, disto ainda lembra. A festa está acabando, vai direto ao trabalho. Repete o gesto de marcar o ponto, a chegada, a hora da saída. Meias palavras bastam, acha que ninguém repara. Daniela e seu olhar blasé, não é tédio, é ressaca. Escabelada, maquiagem borrada, toda de preto. Não importa o que vão pensar. E será que pensam? Será que sentem?

Transita com a multidão das 18h. Está na Avenida Paulista, na faixa para atravessar do Brasil à Europa, à Grécia, à África, 100, 200, 300, seis mil anos atrás. Por trás, por baixo, as pilastras da civilização balançam. “Perdemos a força e a visão. Onde buscar energia?”, Daniela procura ainda, no metrô lotado.

O sonho de Atlântida, dos multiuniversos derruba as portas, os muros, queria se atirar nos braços do amado, em qualquer que fosse a civilização. Quer mais sensações, no inferno e no céu. Transição.

Tesão, primeira estação, está no meio da multidão, a noite recomeça. Transita entre deuses e diabos, na madrugada. Íncubo dorme com ela. Atravessa outra dimensão, além das ruas, aquém do Cosmo existe? Existe o submundo nesse mesmo bairro, na esquina, no quarto pequeno entulhado de livros, rabiscos e móveis antigos, conjura sua presença, as sextas e para sempre. Sempre, o drama da moça é o sexo. Quer sim o amor, mas o eterno cio está implícito em seu olhar, no andar, em cada gesto, palavra, no som de sua voz. Requebra, remexe solta o quadril, precisa encontrá-lo.

Na vitrine, nos camelôs, fantasias para o carnaval. Pã e Baco e tantos pirados, drogados, bêbados pelas ruas travestidos em Cristo. E quantos tão educados, limpos, cultos e simples. E quanta insensibilidade. Estão travestidos de homens, estes anticristos.

No centro do terreiro, perde a visão e desfalece na vertigem, o ro-dopio de formas, muito calor e desejo. Dragões e serpentes. Ouroboro, o símbolo, a forma corporificando materializada sob seu olhar, a serpente-criatura enrolada semelhante a um dragão, mordendo a própria cauda, a bunda de Daniela mordida e beijada. O círculo, a eternidade, o bem e o mal dentro do ovo, na tatuagem. O universo na semente, o Sêmen. Adora sexo verbal, oral, poético, patético, brinca morrendo de rir.

Gosta mesmo de viajar

No instante em que os cientistas comemoram a maior descoberta astronômica do século 20, o tal sistema solar Vega, a Moça nem liga, reclama do peso deste mundo, de mais um dia vazio. Escutou a notícia e acha que esta noite será diferente por outro motivo, há uma dança que brilha no céu. Poderia buscar no Cruzeiro do Norte. Há possibilidades, talvez o que os telejornais despejaram em seu apartamento seja mais do que o sangue de costume, quem sabe hoje se encontrem. Não descansa enquanto não pegar a criatura, sonha.

A porrada está comendo, ela sabe. Mas surgiu uma esperança. A repórter sisuda da tevê mostra o observatório astronômico com seu olho ultrapotente e daqui de sua toca, no nono andar de um formigueiro, Daniela sonha que poderia viajar para uma estrela, ao centro da galáxia. Quase ia, não vai não. Quase foi, desiste. O que ela procura está na Terra. É o Homem, o gostoso, imagem e semelhança, como fotografia, espelho ou fogueira, na pista, no círculo mágico do som da discoteca ou da boate da moda.

“Tem Vega, o novo Club na cena Trance, fica pros lados do Blen-Blen”, sugere à galera, dispara pelo celular. No céu em labareda, final de tarde, havia uma alegria. Vermelho, rosa, laranja, silhuetas diluídas, carros, gente, fumaça, ruídos, gemidos. O dia agoniza, menos um dia no seu tempo. Atravessa a rua, gira a chave. Traça uma linha imaginária. Toma posse do seu espaço, quer as janelas, só as janelas, mesmo gradeadas. Um rugido, o delírio, atração imensa por línguas e bocas, ela se sente uma fera humana, ou quase. Muitas vezes, presa do desejo maior do que seus pesadelos. É uma predadora solitária, viajante.

Lá a Lua branca imensa gira. Quem beija quem? Luzes piscando, a constelação embaixo é a cidade boiando em outro vazio. Procura outra janela. Está muito distante, mas ele existe. Tem de existir. Não há imagem, nem semelhança. É o homem amado, um sábio, sua sina. Estão, ao mesmo tempo, atuando em seus personagens, o elo é frágil. Espiral em movimento, o universo morde seu próprio rabo. Daniela pensa em círculos, a forma no espelho.

Ela e ele, aqui e ali, a vontade de prazer é intensa, vê os sinais na bola de cristal, outro brinquedinho em seu arsenal de busca, dos seus esquemas infantis, tentando descobrir os caminhos.

Mastiga o arroz integral e a solidão que dilui em doses homeopáticas no programa da televisão. Sobre a tela se espelha a vida irremediavelmente demarcada. Não há risco de dores maiores no quadro de plástico. Desliga a caixa, quer voltar para a dança, no centro quer fluir, quer muita festa, a Rave, o universo paralelo... Mas paralisa.

Para quando vê as cartas sobre a mesa. No 15, enxerga o fogo consumir prédios imensos, depois as pracinhas da cidadezinha perdida no sertão, a família e a farsa, e nesse instante apenas assiste para sonhar. Imagina o prazer de abrir o Sol, a carta 19, aquela que significa felicidade, descontração, vida. Razão, concórdia, harmonia! Oxalá, gnósticos, trunfos, inspiração espiritual. Quem sabe um dia, o mestre chegue.

“Isto aqui num presta, melhor trancar bem a porta e as janelas. Esquecer a balada esta noite”. Junta as cartas, as envolve no lenço delicado, de seda é seu gesto. Em fogo intenso, vai tentar dormir. Na cama, agarrada ao travesseiro, galopa léguas e sete vezes goza em outros mundos. Lá fora, São Paulo incendeia, uivam sirenes em louca madrugada de chacinas. Daniela viaja sim, assim.

Miniconto em chamas

Um barco e o pôr do sol, no sonho de olhos abertos. Estrondo. De volta à realidade, jornais recortados sobre a mesa. O líquido pinga, a boca suga aflita.

O fio de luz ilumina o desenho na parede: leões, palhaços, o circo. Na prateleira, vidros.

Talvez fique bom para pescar, ela recorda do mar brilhando. O seio de fora, nem percebe. Coleciona lembranças, brinca com elas.

Agora tem as crianças e a fome. Fome de amor também, mais.

Volta à realidade, quer voar e o corpo dele em ondas. Novo dia, velhos pecados e prazeres. Põe mais fumaça no peito. Vai a pé para a esquina. No Centro, engole fogo, ganha uns trocados, sopra.

O Palco e A Cama

Nos bastidores, o teatro começara há tempos. Há alguns meses, iniciaram os movimentos das peças daquele jogo de prestígio, poder e grana. Gente insaciável sentia fome de humilhar funcionários, dar ordens e contra-ordens, espalhar intrigas, caluniar e esbravejar na repartição.

Por trás de cada espetáculo, outro espetáculo. Cenas fortes de ganância explícita, surtos de ódio, arroubos de incompetência. Muita emoção e desespero. Ah, se os atores assistissem aos lances nas reuniões da produção ficariam surpresos, e encantados, com as atuações magistras dos burocratas.

A diretora-geral, baixinha pançuda feito um Napoleão, mais para sargento do que para general, comandava a equipe técnica criando o máximo de transtornos. As funcionárias tremiam e baixavam a voz ao presentirem sua presença desagradável, perversa.

O gabinete da Cultura era o seu reino. Ela era a Dona das mocinhas de cabelos oxigenados, aquelas com enormes brincos e pulseiras dourados, calças justas nas pernas finas, cambitos de saltos altíssimos, excelentes para cultivarem varizes, hérnias na coluna e esporões nos calcanhares. Quando a Dona passava pela sala de reuniões, Ana sentia um cheiro, um perfume estranho, de cemitério, dizia baixinho.

Diretores de terceira, assessores de quinta e o secretário banana lhe davam corda. Apesar de tudo, o encontro patrocinado pelo governo federal renderia para seus bolsos. Se a verba não viesse, ainda haveria a chance de ganharem uns extras, superfaturando nas impressões de camisetas, materiais gráficos, contratação de equipamentos e serviços, onde fosse possível tirariam algum.

E como era bonito ver seus nomes nos créditos do evento, nos cartazes e folhetos, perto da logomarca do senhor prefeito, exalando sucesso. Escalando a pirâmide, chegando ao topo da glória naquela província onde os bois valiam mais, muito mais, do que os homens.

O palco era uma cidade do interior do Brasil, que vivia da agricultura e pecuária, cuja mentalidade seguia o exemplo dos ruminantes. O normal era sempre seguir a manada. Então, para que estudar? E para que arte? Teatro era coisa para prostitutas e viados, a não ser que seja ídolo da novela ou de alguma dupla sertaneja.

O evento passava batido, com espetáculos em pequenos palcos, a mesma platéia, geralmente alguns estudantes, gatos pingados. O importante era a desculpa para rolar mais um evento social e político.

Era uma cidade que desprezava a ética, a dignidade e valorizava a imagem, o dinheiro e, claro, o poder. Para chegar lá que tal fingir que apoia, frequenta as artes, ou melhor ainda que tal fazer um projeto milionário de teatro ou dança? E assim surgiu o encontro. Ah, oh, é internacional frisaríamos!

Vai trazer um espetáculo do exterior, um monólogo baratinho. Um! Apesar de medíocre, a jogada de *marketing* rendia boas comissões e cargos públicos, um certo “empoderamento” de alguns, conforme definiu o candidato a deputado estadual do PC do B.

A Doutora Gentinha, PhD em irrelevâncias, ia às nuvens quando aparecia nos jornais como a grande realizadora daquele evento sensacional que, tinha certeza, lhe abriria as portas dos gabinetes e da glória. Quem sabe alguma pasta municipal, estadual... E porque não sonhar, até mesmo no Ministério.

Na universidade, onde fizera carreira, aprendera bem a puxar tapetes e a praticar o jogo político que move a vida acadêmica. Com seus rapapés, salamaleques e beija-mãos, a Dona da festa seguia a cartilha dos hipócritas que adulam a quem os favorecer na guerra pela fama e no desprezo aos outros seres do reino da mesquinhez.

Ela tinha temperamento explosivo, atitudes ríspidas para uns, adulações para outros, vários pesos e medidas, o rosto feito uma máscara africana retorcia de acordo com as conveniências. Alguns diziam que era tripolar, o humor dela variava entre o ódio, a arrogância e a bajulação. Às vezes, por se sentir poderosa, alguns espasmos davam um tom histérico ao riso.

Meia velhusca, mas cheia de amor para dar, a doutora gentinha acabou se envolvendo com um dos rapazes da produção, um tipo meio masoquista, um técnico com pouco estudo e sem educação. Ele, com um grande sorriso de ignorante, a ganhou com sexo muito do malfeito.

Orgasmo nem pensar, o jovem era inexperiente e ficava mais preocupado com sua própria performance do que em levá-la ao prazer. Oferecia alguns pequenos momentos de luxúria. Agarrava os seios que ela fazia questão de deixar à vista e à disposição em generosos decotes. Literalmente, o que ele queria era mamar.

Conseguiu graças à amante, a mamata de virar diretor executivo, um título pomposo e um pouco mais de grana, o que para ele, pobretão vindo da periferia, do subúrbio de uma cidade cravado no meio do Brasil, era muito.

O belo espécime grotesco, estava em ascensão. Comprava novos equipamentos e, aproveitando a tecnologia, nas manhãs se masturbava em frente à telinha, para sua baixinha pançuda assistir. Via computador, ela se derramava encantada, passional, com seu poder de excitar aquele rapaz.

Não percebia que ele estava assistindo vídeos pornôs em outra tela. Não sabia de nada aquela doutora sabichona, que fingia ser uma mulher bem casada e mãe de família perfeita. Na verdade, estava na mão de um aprendiz de gigolô que às escondidas, discretamente, tinha a carreira e a conta no banco impulsionadas.

O Bonitão vinha das classes humildes, explorava também a mãe empregada doméstica e o pai feirante. Sonhava subir na vida, se esforçava em mantê-la encantada. Vestia-se com esmero, exagerava no perfume importado, usava a beleza do sorriso para compensar a ausência de atributos intelectuais e a falta de polidez.

Bom explicar, como e porque uma figura tão ruim de cama pode ser sedutora porque isso até parece contradição. Porém não é... Afinal, quanta fantasia e a ilusão há na sedução... Ele a iludia como um mágico, ao sugerir a possibilidade de que algo sensacional iria acontecer na vidinha vazia daquela senhora pouco amada, nada gostosa. O segredo era manter a expectativa, caprichar no espetáculo, iludir.

Com o tempo, o sexo casual foi perdendo a graça, o fascínio esvanecendo e a Dona contabilizando os prejuízos. Nada acontecia e a PhD percebendo que o jovem na verdade era repetitivo, sem repertório e até desleixado com o próprio corpo.

A pele a princípio perfumada tinha um ranço de sal e sujeira, sabor e cheiro acre. Mas este enredo levou tempo, anos, várias edições do tal festival. O teatrinho deles rendeu ótimos cabos de guerra, onde os dois se debatiam, perdiam energia e a vergonha. Ele sempre tentando tê-la nas mãos, fingindo a desejar para se dar bem e mantendo casos paralelos.

A Doutora farejava que havia algo no ar, mas no máximo o que sentia era o mau cheiro do cara, que um dia tinha sido tão bonitinho e que agora engordava e cultivava uma barriga. Para se vingar da frustração sexual e sentimental, ela pressionava mais as subalternas, ofendia a ralé. Esse era seu gozo. Uma ejaculação de baixarias no ouvido de quem sua voz alcançasse.

O palco do festival era espelho daquela decadência, a cada ano, menos público. Quem não sabe que cinema ruim é melhor do que teatro ruim? Melhor pegar um cineminha. E lá se ia a plateia. Porém, a debandada não tinha a mínima importância para os produtores. O evento estava cheio de patrocinadores, pago pelos impostos dos otários.

Aplausos, espectadores? Isso é apenas um mero detalhe que não faz parte do projeto, diriam na reunião. Basta um *release* à imprensa, com um balanço garantindo que tudo fora um sucesso e milhares de pessoas estiveram nas plateias. A doutora gatinha assinaria embaixo, com todo desprazer que um ser mesquinho e seco de amor consegue atingir antes de se espatifar e implodir.

Esse dia estava perto de chegar. Uma tarde, cansado de esperar pelo cheque que pagaria o seu sonhado carro novo, o jovem... Não, melhor não contar a sordidez do crime. Este tipo de notícia se repete nos jornais de papel, nas telinhas e telões, é um enredo de violência gratuita que você pode imaginar.

Em resumo, a doutora foi cantar de galo no andar de baixo, bem embaixo, no misterioso e quente lugar de onde todos os personagens, reais ou fictícios, surgem e se esvaem.

E o tal festival de artes cênicas, o tal grande encontro internacional o que virou? Novos atores encarnaram as mesmas personagens, ganharam a cena, bisaram o enredo, ora como artistas, ora como protagonistas de histórias mesquinhas. Loucos para se darem bem sem olhar a quem, continuam deixando um rastro de exemplos de iniquidades e baixezas.

Ainda fazem da vida naquela província um instante repleto de tragédia e boas piadas.

A dance meditation de Hideyo Blackmoon

Quem considera as grandes festas, as *Raves*, um antro de drogas e perdição está por fora, caiu na conversa das mídias das “igrejas” que infernalizam tudo que signifique prazer e diversão.

Há sempre outras possibilidades, outros caminhos, acredita uma artista japonesa, chamada Hideyo Blackmoon, uma DJ super conhecida na cena *Clubber*, nas *Trances* e festivais internacionais.

Em uma outra onda, ela desenvolve a proposta de meditação em embalos sem drogas ou violência que começou a ser praticada nas festas em um templo budista no Japão, na primeira década do século 21. Em 2009, ela esteve no Brasil para descansar em Pirenópolis, uma cidadezinha histórica do interior de Goiás e concedeu uma entrevista exclusiva para a eNT revista eletrônica.

No bate-papo, falou sobre a essência de seu estilo, sobre o que significa a *Dance Meditation* que inventou e porque é conhecida como Xamã. Ela estava animada, na véspera de lançar seu primeiro álbum, o *Blackmoon*.

Hideyo Blackmoom é espiritualista. Com sua sensibilidade artística vivencia e estimula no que há de sutil e belo das pistas das baladas. Ela considera um ritual este tipo de encontros da juventude e quer que a *Dance Meditation* promova a felicidade. “Para fluir alegria profunda e a paz em todos que curtem a pista”, diz. Para Hideyo, a Cena é um culto à vida, à natureza e a dança uma forma de rezar.

NT - Como veio parar em Pirenópolis?

HB - Quando decidi vir ao Brasil contactei Gleu Vargas, uma artista goiana, com quem tive uma linda conexão de alma ao conhecê-la no festival Boom de 2006 e 2008, em Portugal. A princípio, só queria visitá-la em Pirenópolis e, depois, conhecer Alto Paraíso que é um lugar espiritual.

NT - O que a trouxe ao Brasil?

HB - Eu já queria vir há alguns anos, tinha a oportunidade de tocar no Universo Paralelo, e outros, mas finalmente decidi vir sem me preocupar muito. Queria ficar perto da natureza. Felizmente, meu amigo Max do Ét-

nica , músico de *Psytrance*, organizou o CELEBRA Brasil e me convidou para ficar na casa dele em La Balsa, na Bahia. Ele organizou uma festa onde toquei e arrumou para eu tocar na área de Trancoso.

NT - Quais são os principais ingredientes de seu repertório de DJ e de vocalista? Qual a essência do seu estilo?

HB - Meu estilo é baseado em Ambiente e *Dance Music* com uma influência xamânica. Também sou influenciada pelo que me rodeia, minha geração musical, festas, natureza e cidades. Também já toquei *Lealing Music*, *Chillout*, ambiente *Eletro Techno Spytrance*.

NT - Como é o seu processo de criação?

HB - Eu tenho um estilo de vida nômade e crio muito com a situação que estou vivendo no momento, às vezes crio com outros músicos, me inspiro com a atmosfera de onde vim, gente, lugares.

NT- Por que você é conhecida como Xamã?

HB - Eu não sei, só toco o que sinto. Algumas pessoas só conhecem depois de me ouvir como DJ ou cantando. Depois me dizem como minha música trabalhou neles, daí me chamam xamã, curandeira, etc.

A música por si só já é uma grande medicina para alma. É perfeita, é o que penso. Na minha opinião, também depende de quem toca a música. A personalidade influencia na música, porque é pura e simples energia. Minha personalidade, minha música mais a energia do público, é isso o que toca as pessoas.

É por isso que eu cuido do meu corpo, do meu coração e do meu espírito o máximo que é possível. Talvez não o suficiente como os trabalhadores espirituais, mas faço o meu melhor para que esteja sempre feliz e cheia de paz.

NT- Como você concilia Yoga e Música?

HB - Eu tive experiências do público com grande unidade de consciência na pista, no final da década de 90 e também em 2001, na cena *Trance*. Essa

experiência me levou a fazer música. O que eu entendo é que quando muitas pessoas meditam ao mesmo tempo, essa energia faz com que as pessoas se tornem uma unidade.

NT- O que representam as festas *Trance* das quais participa, no mundo inteiro, para você?

HB- Desde a antiguidade, nós humanos celebramos ou rezamos aos deuses da natureza com a dança. A cena *Trance* é o mesmo, somos uma tribo, uma família. A cena foi um grande portal para mim. A idéia de vida comunitária sustentados pela natureza, um estilo de vida simples e ecológico.

NT- De quais bandas você foi vocalista?

HB - Desde 1999 a 2002, eu criei e me uni a muitas bandas no Japão. E tive algumas vezes, seções tocando com bandas ou músicos muito loucos por onde eu passei. Mas já não faço muito desde 2003. Agora estou curtindo fazer algo com uma banda portuguesa chamada Tjak.

NT - Participar da fundação do clube alternativo *Bullets* e do maior clube de *Chillout* de Tóquio, o que significou para você?

HB- Quando eu criei o ambiente do *Club Bullets* era no centro da cena em Tóquio. Era uma cena de *Chillout* em festas *Trance*, mas não era regular, com muitos músicos, artistas visuais, organizadores, amantes de música se encontravam lá. Naturalmente, novas festas foram aparecendo e todas as noites alguma coisa acontecia e eu comecei a tocar muito nessa época.

Minha capacidade musical melhorou, alguns novos estilos de *Club* surgiram e Dj Booth se tornou popular, Dj Booth e bar, tudo junto, era final de 2002.

Nesta época, um amigo da cena fez o maior *Club* em Tóquio, chamado Ageha. Ele me pediu para criar a parte do *Chillout*. Logo depois este espaço virou estilo livre.

Fiz muitos contatos com artistas e também muitos da cena me visitavam. Pude conectar com povos de cenas diferentes e eu me divertia muito. Fazer coisas boas que acontecerem na cena foi muito importante para mim.

Agora criei um novo estilo de festa, influenciado pelas aulas de práticas com amigos, chamada *Dance Meditation*, em Tóquio. Há algumas regras,

seja pontual, não fumar, não beber álcool, não bater papo, o sistema é de reserva, o local é um templo budista japonês subterrâneo.

No começo, e no final da festa, tem uma cerimônia com uma menina Xamã e um monge budista. É muito interessante, as pessoas se encontram nestas festas e eu amaria espalhar *Dance Meditation* por todo o planeta.

NT- Quais as perspectivas da música eletrônica?

HB - Como eu já havia respondido na questão anterior, eu não consigo mais ter boas experiências hoje em dia, bater papo. As pessoas estão mais interessadas em beber álcool, etc. Agora eu mantenho meu foco em trabalhos e pessoas espirituais. Porque a cena da música eletrônica não é mais interessante para mim agora, mas a música eletrônica é fantástica.

NT- E sua agenda para o Brasil? Há novidades?

HB - Eu estava em La Balsa, na área de Arraial da Ajuda, Chapada Diamantina, Capão, depois vim para Goiás, Pirenópolis, agora estou em Goiânia, depois vou para Alto Paraíso, Brasília e, finalmente, São Paulo.

NT- E no circuito internacional, quais são seus planos?

HB - Eu vou ajudar com o festival de eclipse solar no Japão, no verão. Depois, não sei quanto tempo fico por lá. No final do ano, quero voltar para o Brasil para o festival Universo Paralelo, etc.

NT - Algum recado especial para os seus fãs?

HB - Obrigada pela entrevista e eu espero que o Universo traga muita paz, abundância, felicidade, saúde e amor. Meu primeiro álbum *Blackmoon* talvez saia no final do verão europeu, tenho esperanças. Você vai gostar!

Entrevista publicada na eNT Revista Eletrônica www.nadiatim.com , em 3 de Abril de 2009.

Tatame

“Meu pai foi um vencedor. Veio para Goiânia sozinho com oito anos, foi engraxate até os 13, estudava e trabalhava e com 17 trouxe a família do interior. Minha avó tinha ficado viúva e os irmãos dele tomaram a fazenda dela, aliás, tomaram tudo”.

Era Pudim quem contava a história de sua família para Ivana, enquanto descansavam deitados no tatame. Tinham treinado um pouco de Judô, era Sábado e estavam mais a fim de descansar do que suar nos exercícios físicos. Melhor os da memória. O rapaz começou a desfiar a trama dramática porque Ivana havia comentado sobre as dificuldades emocionais e materiais a um amigo que tinha perdido o pai há pouco.

Foi só começar a contar que Pudim logo submergiu nas histórias das tragédias da grei de assassinos. Era assim. Havia uma fazenda, para os lados de Varjão de Minas. “Um dia o pai do meu avô, o meu bisavô, reclamou com uns primos que haviam mudado a cerca e levou uma coça deles. Quando chegou em casa todo machucado, meu avô e os irmãos dele, meus tios avós, resolveram tirar satisfação.

Foram na fazenda deles e mataram trinta pessoas, de crianças, até cachorros. Sei que isso foi lá por 1929. A família teve proteção de uns figurões e veio fugida para a região de Jaraguá, em Goiás. Cinco matadores correram atrás, tentaram acabar com meu avô, mas não foi de bala que ele morreu tempos depois. Dizem que foi envenenado, um dia não acordou”.

Ivana pensa no pai, filho de imigrante, paparicado, criado na mordomia e que havia passado a vida jogando dinheiro fora, torrando o que podia com amantes e bobagens. Ficou com vergonha e calou. Enquanto isso, Pudim se animava. “Meu pai deixou seis fazendas, pensão de fiscal, uma mineradora.

E tem mais, sabe o que mais esses tios fizeram?

Quando prenderam o presidente da província e a primeira dama foi visitá-lo na cadeia, uns soldados passaram a mão na bunda dela. Pois é, isso não passou em branco, não. Depois os atrevidos foram mortos por meus parentes e os soldadinhos ficaram sem as orelhas”, contou em tom de graça.

Ele se esforça para manter a atenção da moça. Pudim era um tipo diferente, parecia um antiatleta. Seus músculos teimavam não desenvolver e a barriga dava sinais de sua gula e paixão por doces. O rosto tinha um ar de menino, o olhar escondia a agilidade com que o cérebro analisava, raciocinava rápido aliado a inteligência corporal era um lutador imbatível, com quase duas décadas dedicadas às artes marciais. Um campeão respeitado, apesar de parecer tão fora de forma.

Ivana está longe, mergulhada em lembranças mais recentes, não presta atenção. A noite passada tinha sido uma noite de paixão, inesquecível. Havia sentido tanto prazer que o resto do mundo perdeu a importância. As sensações permaneciam intensas, deixando seu corpo relaxado e os pensamentos perderem a força. As delícias de sentir o corpo do amado, o calor da pele, as horas em gozo. Horas em gozo? Exagero, foi meia hora, mas tanta energia pulsante que o tempo ganhou outra medida, mil anos de prazer.

Ivana estava aprendendo a lidar com o desejo e como fazer amor. Saborear calmamente. A boca participava da dança, mexer o bumbum, cada vez mais profundo e gostoso. A intimidade plena era seu segredo, algo que não conseguia expressar com as palavras, ainda. Queria contar como era, cada detalhe, mas parava quando percebia que o preconceito surgia e era uma barreira tão intransponível quanto o medo que as mulheres tinham de serem machucadas no sexo anal.

Melhor silenciar. Seu amado era um grande amante, mestre nas lições da cama. Ensinava o que fazer para que ela se libertasse dos condicionamentos e se entregasse cada vez mais, a envolvia com delicadeza. Como uma meditação, o ato era um suave mergulho no corpo, presença plena, sem pensamentos. Ela estava naquela fase da vida na qual as mulheres descobrem que o valor de um homem vai além das aparências e conveniências. Uma época em que amar e sentir orgasmos dão sentido às suas existências. A maioria, se desencanta, perde de vez a ilusão. Outras poucas têm sorte.

Ela tem. Ivana sentia que irradiava a alegria daquele momento, era tão precioso descobrir o quanto conseguia voar. Era cada vez maior a profunda sensação de prazer. Gozos que mudaram sua vida. Delicadeza, confiança e entrega, quem mais no mundo poderia vivenciar daquela maneira o significado de amar?

Com disposição para tudo, se dedicava desde cedo ao corpo, corria nas manhãs, algumas voltas do parque, no final do dia, depois do trabalho,

o tatame. Sob efeitos gozosos trazia no olhar o sinal de encantamento pela vida e um sorriso de moça bem amada brilhando no rosto. Aos 29 anos, estava em pleno vigor, beleza e alto astral. De vez em quando, sentia um abalo de alma, quando tudo fala ao coração, uma emoção funda.

Pudim não parava de falar. Agora, resolvera contar uma aventura, um *ménage* com lésbicas. Eram bonitas, primas. Claro que ele sobrou, contou em detalhes como haviam transado. Assim, assim, depois, o vazio. Quis sair correndo do quarto, quando elas o deixaram de lado, e nunca mais ele topou um encontro a três.

Apesar das diferenças no temperamento e capacidades, com pouco em comum, mesmo divergindo, Ivana e Pudim tinham amizade profunda e respeito pela opinião do outro. Ouviam atentos, somavam suas versões, compartilhavam a leveza com que os jovens percebem a vida, a boa e sincera afeição.

“Pô, cara, que idéia sair com sapos. E você não aproveitou para provar como é que um homem pode ser super gostoso?” Pudim cravou o olhar nos olhos de Ivana. Não respondeu porque não entendeu. Macho para ele não precisava ser carinhoso, isso era coisa de boiola.

Gostava de Ivana. Um gostar escondido há anos, tinham afinidades, treinavam juntos, conversavam e brincavam muito. Eram amigos há tempos, mas se pudesse, se tivesse alguma chance, faria com ela o que fez com uma ex-namorada, sua paixão, aquela de quem arrancou a calcinha no cinema e contou para todos os amigos, para a cidade inteira. Ele curtia escrachar. Adorava quando a rapaziada o chamava de pudim humano, comedor de carne viva.

Mas era segredo o quanto Ivana o intrigava e atraía. Mantinha distância, ela era um mistério, tinha algo que não conseguia decifrar naquela segurança e suavidade que emanavam de jeito dela olhar e do corpo. Parecia saciada, sem ansiedade, tão feminina. Que mulher! De quimono assim suada, despenteada, ainda assim estava linda. Pudim percebia que ela era diferente, um ser sereno, em paz, e por se sentir privado da capacidade de comunicar qualquer emoção, ignorante como uma porta nos assuntos de sedução, concluía a conversa desajeitadamente. Era hora de correr ao curinho, queria ser juiz.

Às vezes, comentavam sobre as qualidades dela: flexível, maleável, forte. Ivana ouvia, disfarçando com o olhar sonso perdido na paisagem da

janela, satisfeita em sua vaidade. Depois, quando estava só, em frente ao espelho, se olhava nos olhos. Sentia-se transportada a outra esfera.

Sou mesmo uma mulher de sorte que aprendeu a se entregar de verdade. Só isso, só isso tudo, ria e cantarolava.

Adorava o Pudim e suas histórias que anotava no caderninho mais velho da gaveta. Efeito colateral da amizade e intimidade para render, quem sabe um dia escrevesse uma novela, ou uma tese sobre homens e mulheres em busca do caminho do tesão.

Escolheu a segunda opção. Ivana é uma mulher de sucesso. Em algumas décadas, de professora universitária a uma grande reitora, em trajetória incomum. Uma história para ser assunto bom de conversar, em outra era, depois de viverem as verdades da vida.

Depois de desvendarem alguns mistérios, Pudim há de saber que é tudo da Lei. E a Lei, terá consciência, finalmente, é o Amor.

Miniconto de suspense - O flagra

Alguém gritou, um tiro ecoa. Uma telha caiu, o cão late. A multidão atravessa a rua. Algo cai do bolso, do buraco no paletó. O povo vem voando, corre para ver.

Quem morreu?

É hora, de repente, de agitação. Não dá para enxergar, está escurecendo... O buraco no paletó quem fez foi a traça que caiu. O cão tem algo na boca.

É um gato?

No instante do flagra, a fera evitou que o dono virasse um assassino. Ele só se tornou mais um corno do Cerrado.

E o outro?

Ah, este gato fugiu correndo, ninguém mais viu naquelas bandas. Sumiu, feito a traça.

Olhos e encantamentos

Na parede da sala há um gato de Aldemir Martins. O desenho atrai o olhar de Neida. Na casa de uma tia, a imagem imã é a pintura da basílica de Milão. Em uma parede, traços estilizados do olhar felino, na outra, dramáticas pinceladas vigorosas, emocionais. Neida gosta de brincar com a imaginação. Aquele gato na sala dos avós é especial, uma diversão para além das retinas, ele provoca a fantasia.

Há mais uma tela, a terceira. Esta é a mais misteriosa, um retrato clássico atrás do enorme birô. O antepassado com sua pose cheia de auto-ridade crava o olhar azul no do espectador e o acompanha. Aquilo impressiona a menina, é feitiço, acha.

Também tem encanto nas brincadeiras do avô. Por exemplo, ele aponta a chaminé do boteco, do outro lado da rua e pergunta por que aquele leão está rugindo. Neida arregala os olhos crentes, examina e não enxerga a fera. Somente o triângulo sobre o telhado baixo. Ao fundo, o céu gaúcho cortado pelo vento Minuano e a friagem. Em seguida, o silêncio da tarde é estilizado pela risada do senhor bem-humorado.

“Você piscou. O bicho foi mais rápido”, lhe diz, sorrindo com os olhos, de um outro azul mais brilhante. Neida não herdou a cor tão linda. A preciosa herança foi gostar de imaginar, inventar histórias. Aprendeu com ele a enxergar outra dimensão, o quase invisível, o avesso, a emoção de criar e brincar com palavras e imagens.

Depois da sesta, pega na mão do avô, para ir buscar o pão de centeio numa padaria que parece distante, lá em cima na ladeira. A herança alemã inclui o deleite de comer cucas, um tipo de pão doce, com chá, à tarde.

Ele assobia baixinho canções que em vão a menina tenta reconhecer e aprender. Quando Neida pede, o avô abre com a chave, na maior cerimônia, a estante de livros e coloca nas mãos dela um exemplar de uma das enciclopédias.

Com a avó, descobre a alegria das miudezas, formas minúsculas e texturas de linhas, lãs, miçangas, canutilhos. O corpo de delicados bordados, desenhos de flores, caminhos da beleza sutil, filigranas femininas.

A vó Gracinha borda concentrada na cadeira de balanço, nas tardes lentas. Ela também cultivava um jardim de pedras transparentes, translúci-

das. São cristais. Na liberdade de brincar dos seus dez anos, Neida os chama de diamantes gigantes, coloridos, trazidos por fadas de algum reino.

Muitos anos depois, a região de Santa Maria da Boca do Monte será conhecida por seu sítio arqueológico. Mas a pré-história, as pesquisas científicas e as escavações ainda são assuntos desconhecidos naqueles tempos. Fragmentos de uma civilização estão no pequeno quintal, entre chás e flores, com a roupa estendida no varal. Canteiros e mistérios onde semeiam afeto, criatividade.

A menina adora ficar perto dos avós, na paz da sabedoria de quem viveu muito, escutando o portunhol, curtindo as manias. A mesa bem posta na copa, decorada com toalhas de renda e crochê, faz parte do universo de fazdeconta e os rituais da alimentação no horário, ao som do cuco na parede, com a devida deferência, compõem o reino da harmonia.

Ao percorrer os caminhos do palácio, ao passar pelos salões reais, Neida tenta evitar o olhar sisudo do ancestral pintado naquele quadro impertinente. Mais tarde, saberá que é apenas um efeito produzido pela técnica, mera questão de perspectiva.

A vida vai trazer muitas outras explicações lógicas. Apesar delas, a sensação mágica permanecerá. Algo belo ainda inflama a imaginação de adulta. Talvez seja o motivo desse jeito de olhar o mundo, de algo que a move em direção ao prazer de viver.

Hoje, Neida chama isso de encanto poético. E sorri, com os olhos.

Olivério e a guerrilha

Um ex-embaixador das Farc, Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia, no Brasil, chamado Olivério Medina, voltou às manchetes, em 2008. A divulgação, na Colômbia, dos contatos que mantinha por e-mail com Raúl Reyes, guerrilheiro e porta-voz internacional da guerrilha, morto pelo exército colombiano, atraiu as atenções para o representante dos combatentes que vivia há anos no país, na condição de refugiado, em Brasília.

Sete anos antes, o entrevistei por telefone para um jornal de Goiás, graças à intermediação de um dirigente do Partido Comunista do Brasil, PC do B, de São Paulo. Naquele tempo, animado, Olivério Medina se referia às Farc, a mais antiga guerrilha latino americana, como quem fala de uma atividade nobre e digna, nada a ver com os termos “narcoguerrilheiros e terroristas” usados pela mídia anos depois. Muito menos com estratégias radicais, como sequestros e assassinatos.

Na época, tentei obter entrevistas com outros rebeldes, pretendia escrever sobre a vida das mulheres na selva, quem eram as guerrilheiras. Medina disse que intermediaria, entraria em contato com o alto comando, porém a pauta não deu certo, porque “estavam na montanha”, me contou, e ficou por isso mesmo, na entrevista abaixo, cujas opiniões destoam dos fatos e contextos que vieram depois.

Nos sete anos seguintes, até 2008, ocorreram mudanças e não foi só a esquerda brasileira com seus crescentes escândalos de corrupção que surpreendeu. Os sequestros na Colômbia realizados pelas Farc ganharam as manchetes mundiais.

Quantas versões! Um dos ângulos para tentar alcançar o quebra-cabeça de um paradoxo é lembrar que a história contada é sempre a dos vencedores. Outro, talvez, é conhecermos vários pontos de vista para tentarmos desvendar quais são os interesses nos bastidores, seja da política internacional contemporânea, dos veículos de comunicação, ou seja lá de quem for. Em geral, as respostas envolvem dinheiro e poder, com raras exceções.

A seguir, um *flash* de uma época. A matéria foi publicada dia 20 de Agosto de 2001 e o título que hoje soa como ironia - porque, em seguida, Olivério foi preso e penou até ser reconhecido como refugiado - era. Em Busca de Divulgação e Reconhecimento.

A maior e mais antiga guerrilha da América do Sul, as Farc - Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia - têm um representante no Brasil. Ele atende pelo codinome de Olivério Medina e veio para o país há onze anos. A missão: divulgar o movimento revolucionário, que completou 43 anos e “criar as condições para as Farc serem reconhecidas formalmente como força beligerante”, explica com calma, em português marcado pelo sotaque.

Em Setembro de 2001, Olivério Medina foi alvo das atenções da mídia nacional e internacional, por ter sido preso, durante 25 dias, pela Polícia Federal, sob alegação de seu visto estar vencido. “Foi uma tentativa do governo colombiano para me levar de volta”, explicou, lembrando que, na verdade, sua situação era legal. A OAB assumiu seu caso e entre as manifestações de solidariedade estava a Comissão de Direitos Humanos.

Ex-professor de Geografia, o guerrilheiro que na época estava com 53 anos, contou que aos 36 anos trocou a batina pelos ideais das Farc. Porém não havia abandonado a criação artística, continuava a escrever versos e a tocar seu violão.

No Brasil, primeiro residiu em Medianeira, no Paraná e estava há alguns meses morando no Plano Piloto, em Brasília. Para realizar seu trabalho, faz conferências nas universidades e assembléias legislativas. “Sempre com convite oficial”, frisa, lembrando a importância de estabelecer relações com o povo, governo e organizações sociais brasileiras.

Encantado com o Brasil, Olivério Medina considera uma grande honra estar aqui. “É tudo muito lindo e parecido com a Colômbia”, compara, e aponta a comida como uma das semelhanças. “Comemos o mesmo feijão”.

NT- Como a guerrilha encara o Plano Colômbia?

OM - No campo internacional, estamos denunciando o grande mal chamado Plano Colômbia por ser claramente um plano desenhado para a guerra contra o povo colombiano e sua luta pela justiça social.

Nas Farc, Exército do Povo, estamos colocando toda a nossa vontade para que essa guerra intervencionista não se desenvolva na Colômbia, porque não precisamos de guerra, mas sim de mudanças profundas para acabar com a violência exercida pelos sucessivos governos e com a profunda crise política, social e econômica que têm deixado nosso povo mergulhado na miséria, na pobreza e na falta de oportunidades para viver seus direitos plenamente.

NT - Qual o papel da Comissão Internacional das Farc?

OM - O objetivo primordial dessa comissão consiste em procurar o reconhecimento de força beligerante porque contamos com quatro condições para obter tal reconhecimento.

Primeiro, somos Exército Revolucionário, vivemos fardados e portando nossas armas visivelmente o tempo todo.

Segundo, respeitamos os direitos humanos. Aos soldados que se rendem em combate, e aos prisioneiros de guerra, dispensamos trato digno de sua condição de pessoas. Nossas relações com a população em geral são normas primordiais de cada guerrilheira e de cada guerrilheiro.

Terceiro, temos mando centralizado para que nosso exército possa se desenvolver levando em conta as normas de comando, estatutos e regime disciplinar.

Quarto, contamos com domínio territorial e amplo apoio da população, tanto do campo como das cidades.

NT - O que faz no Brasil um integrante das Farc?

OM - Desenvolver o trabalho político-diplomático à procura das melhores relações de amizade com o governo, organizações sociais e políticas deste importante país. Para isso levo em conta os planos da Comissão Internacional.

NT - Há intenção das Farc se instalar no Brasil, como ponta de lança para agir na Colômbia?

OM - Os três Poderes e todas as armas das forças militares brasileiras podem dormir tranquilos porque temos uma política de fronteiras, que cumprimos na sua totalidade. Sabemos que o conflito social e armado que acontece na Colômbia é dos colombianos e somos nós os chamados a resolver essa situação, sem ingerência de qualquer país por muito poderoso que seja. Nem passa por nossa mente atuar militarmente nos territórios dos países vizinhos.

NT- No Brasil há campo para a guerrilha?

OM - Atualmente, não vemos condições nos países latino-americanos para o surgimento da luta armada. Na Colômbia, a classe dominante, infelizmente,

fechou “a ponta de balas” todas as possibilidades distintas à luta armada, para lutar pelas mudanças que precisa nosso país. E como somos revolucionários que de uma ou outra forma cumprimos nossa missão de lutar pela justiça social, temos que avançar pela via que os donos do poder deixaram para o povo.

NT – Qual a ligação das Farc com o PC do B?

OM – Não dá pra falar de “ligação” com qualquer partido. Cada um deles gosta de ter a sua independência, coisa apenas lógica, assim como nós gostamos e cuidamos muito de conservar a nossa intacta.

O fato de haveremos mantido sempre a nossa independência em todo momento e circunstância, tem permitido desenvolver nossa caminhada com plena liberdade e sem compromisso com ninguém.

NT – No Brasil, além do PC do B com quem a Farc se relaciona?

OM - Nós desenvolvemos um trabalho diplomático de novo tipo, de braços abertos, e falamos com todo mundo. Onde encontremos um ouvido receptivo, aí estamos! Procuramos intercâmbios construtivos. Acaso neste momento não vê que estamos falando com um jornal?

NT – A presença do Exército brasileiro na fronteira intimida?

OM - De jeito nenhum. Sabemos que não somos motivo de preocupação para o Exército brasileiro. Estamos de olho aberto e visando trabalhar da melhor forma possível as contradições de toda ordem que acontecem nas grandes cidades colombianas. E estas estão longe das fronteiras...

NT – Qual o objetivo das Farc?

OM - Lutamos pela tomada do poder porque o regime capitalista em mais de 170 anos foi incapaz de resolver os problemas do povo. Portanto, queremos construir o socialismo que leve em conta nossas tradições, nossa riqueza étnica e cultural, nossos valores pátrios, nossa história, nossa colombianidade.

NT – Qual a estratégia para chegar ao poder?

OM - As Conferências Guerrilheiras - e já realizamos oito – são as que elaboram todos os planos de luta, para resistir à violência oficial desencadeada pelos sucessivos governos contra o povo, e para lutar pela nova Colômbia, em pátria amável, soberana, justa e sem violência que queremos construir.

NT – Como é a hierarquia das Farc?

OM - Temos o comandante chefe, que é Manuel Marulanda Vélez, logo os membros do Comando Maior, seguem os comandantes de bloco, frentes, colunas, companhias, guerrilhas, esquadra e unidades táticas de combate.

NT – De que forma o narcotráfico financia a guerrilha?

OM - Olha, “os narcos” financiam os pararamilitares, campanhas presidenciais, têm negociatas com comandos militares, com senadores corruptos, com políticos sem escrúpulo nem moral. Posso te dizer que até o presidente André Pastrana fala publicamente que nós nada temos a ver com o narcotráfico. Pode desaparecer até a última planta de coca, que isso não prejudica a economia e forma de sustentação das Farc- Exército do Povo, mas sim os viciados dos Estados Unidos, a CIA, os principais bancos norte-americanos, etc.

NT – O que significa o cultivo de coca para o povo colombiano?

OM - Os camponeses enxotados pela política neoliberal são obrigados a buscar formas de sobreviver. Os sucessivos governos têm abandonado o campo e os pobres são os mais prejudicados. As políticas agrárias só beneficiam latifundiários. Então, para os camponeses pobres só tem ficado como meio de subsistência plantar coca. Eles não são narcotraficantes, mas sim camponeses pobres e não é matando-os que se soluciona o consumo de cocaína nos Estados Unidos e no mundo. Olha bem, a cocaína é um problema dos EUA principalmente, não é das Farc, nem do povo colombiano.”

Mistérios do Mestrado

Em ritmo de reportagem, para conhecer os bastidores do processo de seleção de Mestrado na Facomb, Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia da Universidade Federal de Goiás, escrevi um projeto.

Há algum tempo, ouvia reclamações de jornalistas quanto aos procedimentos e clientelismo na Academia. Decidi ir à luta e inscrevi na linha de pesquisa Mídia e Cultura a proposta intitulada *A Arte do Webjornalismo – O Papel do Jornalista nos Novos Tempos da Comunicação*.

As provas de língua estrangeira e a teórica, foram realizadas dias 15 e 16 de Fevereiro de 2011. Dois dias depois, apresentados os resultados. Quantos inscritos? Quantos passaram? Quais foram as notas? Quem corrigiu? Segredo. Mistério. Só o interessado tem acesso à sua nota.

Reprovada nessa etapa, entrei com recurso solicitando, em síntese, que “redimensionassem os critérios subjetivos e a importância do idioma inglês para quem faz mestrado no Brasil”. No dia seguinte, me passaram. A justificativa informada verbalmente foi que eu tinha ficado por apenas 0,25, em cada uma... É, por 0,25.

Chegou a vez da entrevista. Era a segunda e última etapa. Lá, as surpreendentes questões foram sobre minha vida pessoal. Se eu tinha filhos, como iria conciliar o estudo com trabalho... Percebi que webjornalismo, o jornalismo do presente e do futuro não interessava.

Nota zero aos entrevistadores. Conversa rápida, superficial, sobre a amplitude do tema, a abrangência dos objetivos. Perguntas inconsistentes, de quem não leu o pré-projeto.

Reprovada novamente, sem informarem a nota e a avaliação, o jeito foi recorrer no escuro, tentando evitar o previsível xeque-mate. Desta vez, definitivo. Não, não querem mesmo uma jornalista com 30 anos de experiência, formada em 1981 pela instituição.

Outra jornalista, Denise Duarte, que tem 20 anos de profissão, passou no Mestrado da UnB com 8.7. Na UFG, tirou 2 - isso mesmo! - na prova teórica. “Li todos os livros, embasei as respostas, estava preparada. Em Brasília, foi muito mais difícil, com mais concorrência. Por quê? Quem corrigiu? Quais foram os critérios? Ela não conseguiu que respondessem.

Eu respondo: são critérios de acordo com as conveniências da banca.

No site da Facomb, onde estão as notas, os pareceres, a classificação de cada etapa? E, principalmente, quem são esses professores? Eles têm competência para serem da banca de comunicação, de Mídia e Cultura?

Afinal, o que está acontecendo na Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia da Universidade Federal de Goiás? Jovens que acabaram de se formar rapidamente se tornam mestrands. Claro, óbvio, que foram orientados por professores empenhados em transformá-los em estudantes profissionais, em mestres sem experiência no mercado, alienados teóricos sem vivência.

Como a nova geração vai contribuir em sua profissão de comunicador se está aprendendo o jogo das cartas marcadas, da falta de ética. O processo democrático é um processo de exposição total e não de apadrinhamento, de vaidade pelo poder e *status*.

Deviam avisar aos jornalistas de verdade que não é preciso estudar, pagar inscrição, que o Mestrado na UFG não é para eles. Basta cair na graça de um dos três examinadores. Que não é um concurso público! É um concurso privado.

Para encerrar, comunico à comunidade que, em breve, haverá um Químico e uma professora de Educação Física, Mestres em Comunicação. Eles foram considerados aptos.

Ah, lembrei de mais um detalhe, outra irregularidade, coisa burocrática, que poderia embargar o processo, caso alguém se interesse em denunciar à Procuradoria Geral da União: duas aprovadas sequer se deram ao trabalho de publicar seus currículos na plataforma lattes, do CNPQ, conforme dizem exigir na inscrição.

Para que, né?

Mas... por falar em CNPQ... Será que há convivência com a falta de transparência que rola na UFG? E mais, o reitor Edward Madureira Brasil está a par de tantos mistérios e segredos?

As sombras, sonhos de uma esposa

Era uma vez um sonho recorrente, sempre aquele paradoxo. A borboleta sobre a flor e sobre Lauviah oito estrelas. Em suas mãos, cântaros a despejarem algo fluido que Cláudia traduzia como perdão. Os joelhos sobre a terra, o corpo nu, a sensação de serenidade, harmonia. Ao lado dela, Hariel, personagem lasciva com suas feras, monstros, chifre, odores. Hariel sobre um pedestal, um altar de horrores alertando os seres, aliviando o fogo do ódio, do desencanto. Chega! É preciso dominar a fera, é preciso deter Hariel.

Cláudia desperta, cansada. Alguém tenta interpretar. O pesadelo fala sobre o conflito original, do choque dos opostos, contradições, é maquiavélico. A tradução não ecoa no coração de Cláudia, ela sente que são mais do que metáforas ou lembrança de instantes medíocres.

A eterna disputa nos corredores da miséria de suas vergonhas infantis, nos quartos e igrejas, a força da vingança, da humilhação. Isso ela já provou. Depois, mocinha, a dialética, o Partido, o ritual, a fase esotérica, o sexo e os dogmas. A lei de merda que nada vale. É mais fundo esse sonho, revela a própria fragilidade, a ausência do prazer, a culpa, o vazio. A constatação de que é um vazio a toca mais.

A sombra de Lauviah é feito algodão passando pela vida, feito nuvem andando despida pela casa, fada transparente, o anjo. Sem armaduras, sem couraças, despojada, nenhuma imagem no espelho. Apenas um perfume suave quando passa. Borboleta invisível pousada sobre a vida. Esperança que vem discreta, devagarzinho. Lauviah derramando seu coração na fonte nesse tempo de medos. Perdoa a bofetada, o terror, sempre ajoelhada, despeja absolvição e bênçãos sobre seus algozes.

Persistem os caminhos do meio-dia e da meia-noite. Cláudia lembra os personagens, anjos e demônios, suas sombras que vêm à tona nas horas de desprazer. Hariel e Lauviah pegam o mesmo metrô, tocam a mesma moeda passada de mão em mão. Coexistem a angústia e a alegria, a dimensão fundamental entre perdoar ou julgar.

- Acuso o fogo, a força bruta pondo cabresto nos corações e ampliando, amplificando pênis e vagina. Transformando a vida em desejo, é a voz de Hariel, personagem pesadelo.

- Perdoo quem tenta limitar o incomensurável, a busca do prazer, o sagrado e o profano. É o canto de Lauviah.

mas como negar meus beijos sobre teu corpo acariciei tuas pernas tua boca minha saliva na tua pele a eternidade e o mistério deste amor não as palavras não são necessárias não te quero silencioso nego que sejas mais uma ilusão nego que sejas mais uma armadilha do destino

E vem Hariel: paixão, luxúria. Cuidado! E vem Lauviah com suas estrelas e com serenidade fala do caminho perene das águas.

como negar este desejo de encontro nada sei do amor apenas conheço a solidão sonhos vento à beira mar

Cláudia está perdida no labirinto sentimental das emoções fragmentadas que vão do medo à culpa. Se sente uma vil traidora por desejar mais e mais. Quer beijar o proibido, morder, mastigar, cuspir cada tabu. Cláudia Maria Cardoso queria ser uma artista, ou uma rainha, ou uma deusa. Desde criança foi treinada para não ver o outro, nem o mundo, nem a si mesma. Só o poço de egoísmo.

então faço uma fogueira que restem cinzas não adiarei mais o fim do ponto final e as reticências maldito medo maldito vazio.

A cada passo, a cada gesto implora amor, geme amor, suplica. Entrega a dor às chamas do Sol, que a claridade possível aconteça. A borboleta sobre a flor, sempre. O revés do holocausto, do desencanto. O pensamento explode, se imagina na beira da catástrofe, uma tragédia parece que vai desabar quando ela se sente assim infeliz, em desespero porque não transou, não goza há alguns dias. É o que acha quando a frustração explode e ela surta em violência.

No carro, no caminho para a praia, conta as sensações ao marido perplexo. Espera uma reação que contrarie o ritmo das doces melodias do rádio. Ele não responde, está surpreso e calado, contendo o gesto, jamais fala de tesão. Não há o que esperar daquele homem sem paixão, um chato sem graça, personagem que só existe para pagar as contas, paparicar os filhos, garantir sua vidinha de dondoca.

O gesto de seduzir, beijar, abraçar, chupar foi executado e esparramou o tédio sobre o lençol estéril de todas as camas do mundo. É o que ela sente e esbraveja exagerada, irritada. Está histérica, imaginação solta, presa fácil do desejo da emoção, a vontade desesperada de prazer, de vida, persiste, insiste em levá-la ao mundo secreto das fantasias e da culpa.

O caminho é sinuoso, por alguns momentos, a rota é a mesma. Lembra o Maracanã, a emoção tão próxima do que foi, daquela Claudinha adolescente preocupada com o corpo desengonçado, seios exagerados, a menstruação que não chega, sempre a ouvir canções melosas de um rock e com tanta vontade de namorar.

Depois do jogo, em cada mão uma bandeira, sons, gritos dos vitoriosos do futebol dos homens. Ela se sentindo eternamente derrotada. A angústia no peito e os livros nas mãos, sempre livros e a vida a correr na Tijuca, cinemas na praça, velocidade, motores ruidosos. A cidade pulsa, embriagada nos finais de semana, gente formiga na areia do Leblon, Rio nu, bronzeado e lindo, às vezes.

Persistem os caminhos, o subterrâneo e o objetivo. As vozes de Hariel e Lauviah e a novela interminável. A vela acesa no quarto escuro e as luzes de neon desse tempo. O prazer para ela é impossível. Cláudia está nostálgica, aferrada nas lembranças e no desejo de que um dia talvez se transforme em alguém importante, famoso, quem sabe em uma musa de um filme de terror. Acha graça na ideia.

Quer sentir o corpo, o pulsar da vida de verdade. Poder viver um florescer orgânico, coroar as fantasias nos braços do amado, viver a liberdade, repete o que leu ou viu em algum filme. Seriam pássaros, talvez outros seres alados, por breves instantes viajantes unidos, corpos, almas selados, êxtase barroco. Encontro misterioso e estranho esse entre Lauviah e Hariel. Mas isso Cláudia ainda nem percebe.

Agora não ousa se perdoar, apenas suporta o habitual peso do silêncio, ainda é a esposa vivendo de migalhas. Uma louca com pesadelos, imaginação e taras. Incubos, o demônio medieval do sexo existe nas visitas das madrugadas, na delirante sede, na fome de alcançar o paraíso na cama.

Cláudia quer mais um gole, mais um comprimido, mais uma tragada, mais uma fatia do bolo de chocolate. O marido ronca alto. E a vida se esvai.

Maria José Silveira e as mães do Brasil

A história oficial é contada pela ótica masculina, deixam as mulheres de lado, elas ficam invisíveis. Alguém estudou na escola a existência de brasileiras artistas, gênias, guerreiras, políticas ou cientistas importantes, influentes no contexto social? Duvido. Citam poucas, pouquíssimas, quase nada.

No seu romance de estreia, publicado em 2002, *A Mãe da Mãe da sua Mãe e suas Filhas*, pela Editora Globo, Maria José Silveira ousou inverter essa tendência machista. A escritora deu vida e voz para vinte mulheres, descendentes da primeira protagonista, uma índia Tupiniquim, revelando bastidores, oferecendo possibilidades e a oportunidade para o papel da mulher ser redimensionado, na história do Brasil.

Maria José da Silveira apresenta uma versão, a partir do universo feminino. São personagens que viveram em diferentes épocas, vivenciaram e atuaram em acontecimentos que marcaram o Brasil, desde a colonização até o *impeachment* do presidente Fernando Collor de Mello, em 1992.

Importante lembrar a história profissional da autora que além de escritora fez parte do comando da Editora Marco Zero. Tarimbada no mercado editorial, ela surpreende quando o assunto chega ao baixo índice de leitura no Brasil: “brasileiro gosta de ler sim, o problema é financeiro”, garante.

Maria José também demonstra seu amor às raízes: “Gosto de ser goiana. Tenho discos de música sertaneja, quadros de pintores goianos, adoro o Araguaia e a paisagem do Cerrado, me considero premiada quando encontro uma grande boiada na estrada, e até meus filhos são fanáticos por biscoito de queijo e pamonha”.

Natural de Jaraguá, a escritora passou grande parte de sua infância e a adolescência em Goiânia. “Esses anos foram absolutamente marcantes. Ninguém foge de si mesmo, muito menos um escritor. E eu não tenho mesmo por que fugir, até pelo contrário: embora tenha vivido desde os 16,17 anos fora, sou goiana até debaixo d’água.

Embora de maneira um tanto inconsciente, a criação se dá a partir das coisas que estão em você; é a elas que, mesmo sem se dar conta, você está constantemente recorrendo. As pequenas e grandes coisas que vão formando uma pessoa pela vida afora e a infância é o primeiro grande momento em que se começa a armazenar essas experiências de vida. Assim, é inevitável que Goiás tenha muito a ver com meu livro e, em algumas histórias, isso está claríssimo”.

Ela tenta imaginar a reação de quem mergulha no romance: “Sabe o que eu gostaria que acontecesse com esse leitor hipotético, esse leitor ideal? Que primeiro, claro, ele adorasse o livro e falasse dele para todos os seus amigos. E, segundo, que pensasse nas histórias fascinantes que devem compor a sua própria história.

As aventuras que devem ter vivido seus tetravós, sua primeira mãe indígena, seu primeiro avô africano. É muito difícil reconstituir uma árvore genealógica no Brasil, mas pode ser uma viagem curiosa e enriquecedora imaginar quem foram e o que teria acontecido a nossos antepassados que nos fizeram chegar até aqui”.

Depois de graduar em Comunicação, pela UnB, e em Antropologia, pela Universidade Nacional Mayor de San Marcos, em Lima, Peru, Maria José Silveira fez mestrado em Ciências Políticas, pela USP, e fundou, em 1980, a Editora Marco Zero, da qual foi diretora até 1998.

NT - Por que escolheu a perspectiva histórica?

MJS - Minha idéia, quando comecei a escrever o livro, foi tentar ver de perto como poderia ter se dado concretamente a grande mistura de raças e culturas que nos formou como brasileiros. Tentar imaginar como poderia ter sido esse processo de formação e mistura de raças, histórias e aventuras que nos trouxe até aqui. Gosto de pensar no meu livro como a descrição desse processo de mudanças que, mal ou bem, resultou no que somos.

NT - E o enfoque a partir da vida de mulheres brasileiras?

MJS - Uma pesquisa relativamente recente da Universidade Federal de Minas Gerais analisou o DNA do brasileiro e chegou a um resultado muito interessante e até um pouco surpreendente: cerca de 60% dos brasileiros brancos que vivem hoje descendem de mãe indígena ou negra. Dos brasileiros brancos, veja bem, é surpreendente, porque se hoje até reconhecemos que temos sangue negro nas veias - lembra do Fernando Henrique? - raras vezes pensamos que devemos ter também sangue indígena. E esse sangue indígena, ou africano, veio sobretudo através da mãe. É a nossa matrilinearidade que é indígena ou negra. A contribuição europeia veio principalmente pelo lado paterno.

NT - A miscigenação foi a vertente da obra?

MJS - Foi esse processo que eu quis ver de perto. Como o sangue indígena foi se misturando com o português, com o negro, com o espanhol, holandês, italiano, alemão, árabe, etc. Como isso realmente aconteceu. Ou, melhor dizendo, como poderia ter acontecido, porque se trata de um romance de ficção. Quem foi se encontrando com quem, quem foi casando com quem, como viveram, quais eram seus grandes problemas. Como poderia ter se dado, com detalhes, essa história que nos trouxe até aqui, neste país, com essa mistura no sangue e na cultura.

NT - Como desenvolveu o enredo?

MJS - Tentando encontrar essas respostas, começo o romance com Inaiá, indiazinha tupiniquim que nasce no dia 22 de abril de 1500 e tem uma filha com um português, tripulante de um navio que comerciava Pau-Brasil. A partir da primeira filha desse casal, vou seguindo suas descendentes, acompanhando uma linhagem possível – entre milhares e milhares de outras – que teriam resultado em uma brasileira ou um brasileiro hoje.

NT - Como criou as personagens?

MJS – Muitas pessoas têm me perguntado se algumas das vinte mulheres do meu livro foram inspiradas em mulheres que realmente existiram. Não, elas são todas imaginadas, personagens completamente fictícias. Mas é claro que, para falar de tema tão abrangente, tive de fazer uma grande pesquisa para recriar as diversas etapas históricas nas quais vivem meus personagens. Até pensei que talvez precisasse de anos para realizar o projeto.

NT - Qual foi o material pesquisado?

MJS - Tive uma bela surpresa quando comecei a pesquisar e descobri que nossos historiadores têm publicado coisas interessantíssimas a respeito de todas essas épocas. A historiografia brasileira é na verdade muito rica, principalmente a partir da história das mentalidades, com sua preocupação não pelos grandes acontecimentos históricos, mas por temas específicos, o cotidiano das pessoas, como viviam, o que faziam, etc.

Há um conjunto de livros de ensaios e pesquisas históricas muito interessantes, escritos por vários estudiosos, cheios de detalhes riquíssimos. No final, coloco uma pequena bibliografia, o que não é muito comum em trabalho de ficção, mas senti que era necessário.

NT - Como sistematizou o trabalho?

MJS - Quando me pus a trabalhar, já tinha algumas personagens na cabeça. Como Inaiá, a primeira, pois eu queria começar com uma índia tupiniquim, e seu companheiro, claro, teria de ser um português. Eu queria dar a esse primeiro casal alguns traços de uma espécie de mito de formação, que correspondesse ao brevíssimo tempo de encantamento, que deve ter sido mesmo muito breve, mas certamente aconteceu, no encontro de duas culturas tão conflitantes. Por isso, porque a mistura dessas duas culturas a médio e longo prazo foi tudo menos harmoniosa e idílica, esses dois personagens teriam de ter uma vida curtíssima, eu já sabia mais ou menos o que queria com eles.

NT - A personagem que viveu em Goiás é fictícia?

MJS - Outra figura que já estava na minha cabeça era a que vive em Goiás, Jacira Antônia, coronela de uma fazenda do século 19. Eu queria também que uma, mais recente, vivesse em Brasília, cidade de um fascínio que mereceria, por si só, vários romances, e que vivesse a luta contra a ditadura militar. Eu tinha, portanto, essas e outras personagens já delineadas, mas não todas. Muitas foram nascendo a partir das pesquisas.

NT - Quais personagens surgiram assim?

MJS - Por exemplo, a que viveu em Pernambuco, na invasão dos holandeses, no século dezessete, Maria Taioba. Dessa época da invasão dos holandeses, eu sabia o que os não pernambucanos sabem, ou seja, muito pouco, mas tive a sorte de encontrar os livros do Evaldo Cabral de Mello, que são maravilhosos e ricos em detalhes. A partir do que fui conhecendo nesses livros, pude criar essa personagem que acabou sendo uma das que tiveram vida mais longa no romance.

NT - Quem mais nasceu de pesquisas?

MJS - Outra que nasceu das pesquisas foi a Açucena Brasília/Antônia Carlota, a personagem com dois nomes, que viveu no auge das lutas pela independência. Para sua mãe, adepta da brasilidade e da independência, a filha deveria ter um nome típico brasileiro, um símbolo do país novo e rico que nascia, mas o pai, reinol, insistia no nome português como prestígio e *status*. Em torno desse conflito é que as coisas acontecem. Também foi a partir das pesquisas que nasceu a família milionária do meu romance.

NT - O país continental está explícito nas referências regionais...

MJS - Outra questão que tive de resolver foi a da grande mobilidade geográfica das personagens. Elas teriam de passar por várias regiões porque nosso processo de formação foi o de colonização e ocupação de um vastíssimo território. Principalmente, nos três primeiros séculos, o País estava sendo descoberto e havia um grande deslocamento de populações.

As bandeiras, os ciclos do ouro e do gado, o desbravamento das matas, etc, tudo isso trazia uma mobilidade populacional muito grande. Ao passar por regiões diferentes, evidentemente, as personagens teriam de viver em paisagens, circunstâncias e situações muito diversas. E, fosse onde estivessem, estariam vivendo ou sofrendo as consequências dos momentos políticos que o País foi vivendo. E foi assim que o romance foi tomando corpo.

NT - A participação da mulher não é pano de fundo. Há personagens atuantes. Apesar do machismo, existe um traço de matriarcado na sociedade brasileira?

MJS - A questão não é a do matriarcado, mas ao contrário, a da “invisibilidade” da mulher na nossa história, embora já existam vários trabalhos sobre o tema, apontando o que deveria ser óbvio: as mulheres sempre estiveram presentes, e não como meras coadjuvantes, mas como parceiras fundamentais em todos os momentos da nossa história.

As mães indígenas de nossas mães já estavam aqui quando os portugueses chegaram, e estavam presentes em todos os momentos, como escravas ou mulheres livres, mas sempre atuantes: na exploração do sertão, nas entradas e bandeiras, nas fazendas de gado, no ciclo do ouro, nas lutas pela independência.

NT - Por quanto tempo você esteve à frente da Marco Zero? Como foi sua experiência como editora?

MJS - Nós fundamos a Marco Zero, Márcio Souza, Felipe Lindoso e eu, em 1980. E ficamos até 1998, quando a vendemos, com um catálogo de mais de 400 títulos. Foi uma experiência formidável, embora sempre difícil porque trabalhar com cultura é muito complicado num país onde até o mínimo básico deixa tanto a desejar. Mas desses anos de trabalho com livros, uma coisa para mim ficou clara: é uma falácia enorme o propalado chavão de que o brasileiro não gosta de ler. Gosta, sim.

NT - O que falta?

MJS - O que falta ao brasileiro não é exatamente o gosto e o reconhecimento da importância da leitura, mas dinheiro para comprar livros. E que o governo faça a sua parte, tendo uma política cultural consequente, com educação e bibliotecas públicas.

A grosso modo, a situação do livro no Brasil, e da cultura, de um modo geral, só vai melhorar quando a renda do país for mais bem distribuída e o cidadão comum tiver um salário que lhe permita passar também pelas livrarias quando sair para fazer suas compras. Como aconteceu naquele período do Plano Cruzado, quando de repente todo mundo ficou com uma grana a mais no bolso e as editoras não sabiam o que fazer para dar conta de tanta demanda. Foi um período muito curto, mas deu para botar alguns mitos por terra.

NT - Você tem contato com Goiás, em especial com a produção literária local?

MJS - Vou sempre a Goiânia, onde moram minha mãe, irmãos, parentes e amigos, mas não posso dizer que acompanho a produção literária. Agora, é claro que conheço e gosto de muitos autores goianos, desde os nossos clássicos, Bernardo Élis, Cora Coralina, JJ. Veiga, como também Antônio Moura, Carmo Bernardes, Ursulino Leão, Bariani Ortêncio, Gilberto Mendonça Teles e Miguel Jorge.

Inclusive cheguei a publicar alguns desses autores pela Marco Zero, embora não tanto como gostaria.

Tem um romance de uma goiana que li, menina, e faz parte dos meus livros inesquecíveis, o *Elos da Mesma Corrente*, da Rosarita Fleury, que penso re-ler qualquer dia desses. Guardo meu exemplar velhinho, que foi do meu pai, na estante de minha casa.

A entrevista foi publicada no Jornal O Popular, em 11 de Junho de 2002.

O segredo de Siron

Que mistério tem Siron? O artista plástico mais famoso e premiado de Goiás, que há mais de quatro décadas surpreende traduzindo a poética da pintura em imagens dramáticas, ou em sátiras sobre as relações de poder, apresenta uma nova série na qual a pintura é centro e dela não emanam despojos de qualquer tentativa de mensagem política.

Sem discurso, denúncia ou protesto, ele apresenta obras absortas em seu próprio processo, abstratas, gestuais, sedutoras pela densidade pictórica. Esse conjunto de trabalhos inéditos, criados nos últimos três anos, oferece elementos para o projeto visual do segundo número da Revista do FICA e está reunido na exposição denominada “Segredos”, da Caixa Cultural, no Rio de Janeiro. Até o final de 2010, a mostra foi apresentada em São Paulo e Brasília.

Intimistas, antíteses de um Siron voltado para a crítica social, são pinturas em técnica mista que se desdobram em sombras, interiorizam, imergem no sagrado, se aprofundam no corpo da tela, onde tinta é sangue, carne e alma. Mais silenciam do que revelam. O gestual do artista e a materialidade dos recursos usados seja óleo, ouro, silicone, espuma ou chumbo estão aliados a outros mais sutis: o vazio, contrapontos em branco e negro, tons baixos, que à distância sugerem uma quase monocromia.

A representação velada da forma humana e de seus vestígios, sob pinceladas, denotam privacidade. De forma paradoxal, também levam o olhar para a intimidade de detalhes, signos a decifrar. Outros, talvez, para esquecer.

É quando explora a tridimensionalidade, nas esculturas, que Siron retoma o território da tragédia humana explícita. Ressurgem símbolos cruéis, de uma religiosidade sofrida, na violência de cruces, caixas, malas, túmulos e referências aos mitos católicos e orientais. A morte está presente, e pesa.

O drama da vida sempre fez parte de sua obra. Desde jovem, já traduzia em arte as chacinas, a repressão, crimes e sofrimento coletivo. De origem humilde, natural da Cidade de Goiás, desenvolveu um repertório de crônicas visuais impressionantes que o destacaram como um dos mais importantes artistas brasileiros do século XX.

Ainda impressionante é sua atitude hoje, quando ousa largar o inventário das formas para liberar a energia pulsante da pintura. Consciência de que arte é transcender? Quem sabe seja esse o segredo de Siron.

**Artigo publicado no segundo número da Revista do FICA, Festival Internacional de Cinema Ambiental da Cidade de Goiás, em 2010.*

O romance policial de Flávio Carneiro

“Cada livro é uma nova batalha”, diz Flávio Carneiro, por telefone. O escritor goiano estava prestes a lançar *O Campeonato*, na Livraria da Travessa de Ipanema, no Rio de Janeiro, onde residia há 20 anos. Era agosto de 2002.

Com seis livros e vários prêmios, o autor que começou a publicar aos 24 anos, nesta entrevista fala sobre questões ligadas à produção do romance policial, no Brasil e no mundo.

Flávio Carneiro que também é professor de Literatura, não esconde a ligação afetiva com Goiás, aborda os rumos da Literatura Contemporânea e critica a obra de Paulo Coelho, que tinha acabado de ser eleito imortal da Academia Brasileira de Letras.

NT - Os personagens de *O Campeonato* são leitores vorazes e as citações do mundo literário confundem-se com a realidade. Que relação há entre o escritor e o professor de literatura?

FC - Escrever e ensinar são duas coisas que não combinam. Quando escrevo, não quero ensinar nada. Quero apenas contar uma história, da melhor maneira possível. Claro que essa história pode melhorar a vida das pessoas, mas isso é consequência. As citações estão integradas ao enredo...

O escritor que parte do princípio de que a Literatura tem algo a ensinar devia mudar de profissão, ou então escrever livros de autoajuda. Se há citações do mundo literário no meu romance é porque o personagem é um leitor, e as citações aparecem. Não que eu queira dar uma de professor disfarçado de romancista, mas porque achei interessante o personagem ser assim.

NT - Que lição a Literatura proporciona?

FC - Acho que o professor de Literatura devia aprender algo com a própria Literatura, aprender a lidar com o imprevisível, por exemplo. Então, o meu lado professor tem muito do lado escritor, dou aula pensando em trabalhar o imaginário dos alunos e não em dar respostas prontas. Isso não é nada fácil, porque os alunos muitas vezes preferem respostas prontas, mas aí já é outra história.

**NT - Você substitui a figura clássica do detetive por um jovem desem-
pregado, com dificuldades afetivas. A alteração da personagem típica do
romance policial tradicional é característica da nova geração? Por que
ocorre?**

FC - A mudança do perfil do detetive clássico para o moderno surge já nos anos 30, nos Estados Unidos. É a época da grande crise americana, da depressão econômica, da lei seca, da perseguição política, etc. E toda essa atmosfera acaba tornando impossível a existência de um detetive como Sherlock, por exemplo, em cujas histórias o bem sempre vence o mal. No romance policial americano dos anos 30, o detetive é um sujeito bebedor, que fuma muito, conhece os marginais e as prostitutas, vive num quarto imundo num bairro pobre. É a época de outro tipo de detetive, o Sam Spade, criado por Hammett.

NT - E no Brasil?

FC - No Brasil, a narrativa policial de boa qualidade surge apenas nos anos 70, com Rubem Fonseca, e, é claro, o modelo de detetive será justamente Spade, não Sherlock, já que as condições do país tinham, e têm, muito mais a ver com o ambiente americano dos anos 30 do que com a Inglaterra vitoriana de Sherlock.

**NT- Garcia-Roza é *best seller*. Como avalia o “boom” do romance poli-
cial tupiniquim, no final dos anos 90?**

FC - A narrativa policial sempre teve um grande número de leitores, desde o seu surgimento, com Poe, no século 19. Na ficção dos anos 80 pra cá, a narrativa policial ganhou novo contorno, com histórias que buscam atingir dois níveis de leitura: o do leitor comum, interessado apenas no enredo, e o do leitor mais sofisticado, que busca também um texto mais inteligente e criativo, e, às vezes, mais culto também.

NT - Quais exemplos de linguagem apurada?

FC - Autores como Rubem Fonseca, Garcia-Roza, Luis Fernando Veríssimo, Rubens Figueiredo, entre outros, descobriram que a ficção policial

oferece essa riqueza: ser inteligente sem ser elitista. Jorge Luis Borges, um escritor argentino que é, sem dúvida, uma das minhas principais referências, já sabia disso há muito tempo.

É dele um conto policial nesse estilo, simples e genial, escrito nos anos 40: *O Jardim de Caminhos que se Bifurcam*. Borges, e também Poe, são autores sofisticados, têm uma obra carregada de erudição e, no entanto escreveram contos policiais. A produção atual segue por aí, com os necessários ajustes de nossa época, claro.

NT - Por que escolheu este gênero?

FC - Sempre gostei de narrativa policial, sobretudo a praticada pelos autores citados. No meu livro *Da Matriz ao Beco e Depois* (Rocco, 1994), há um longo conto policial. Sempre quis, um dia, escrever um romance policial, só estava esperando a história chegar. Ela demorou um pouco, mas chegou.

NT - Qual a sua relação com Goiás?

FC - Nasci em Goiânia e duas ou três vezes por ano passo uma temporada na casa dos meus pais, que moram aí, e também meus irmãos, tios, sobrinhos etc. Alguns parentes moram em Brasília.

Tenho uma ligação muito forte com Goiás e, em especial, com Goiânia. Sou meio como o índio do poema da Cora Coralina, *O Palácio dos Arcos*, que vivia dividido entre duas culturas, no meu caso a de Goiás e a do Rio, para onde vim em 81.

A gente acaba tendo que optar por viver nessa ou naquela cidade e optei pelo Rio por questões profissionais. Depois acabei fazendo amigos, me casei, minha mulher tem um filho lindo que considero também como meu filho, e então hoje tento conviver amigavelmente com as duas cidades, já que não posso nem quero abrir mão de nenhuma delas.

NT - Acompanha a produção literária em Goiás? Qual sua avaliação?

FC - Tenho acompanhado pouco. Conheço poucos autores, os já canônicos Bernardo Élis, Cora Coralina e José J. Veiga, e os de gerações mais recentes, como o Dilermano, o Brasigóis, o Goiamérico, o Miguel Jorge. Gosto muito de todos eles, e acho que fazem uma literatura de alto nível, para além do regional. Infelizmente, o mercado editorial privilegia centros maiores, dificultando o

acesso do grande público aos livros desses autores e de outros, da novíssima geração, que confesso não conhecer ainda.

NT - O que achou de Paulo Coelho ser eleito imortal?

FC - Normal. A Academia Brasileira de Letras nunca foi uma casa exclusiva de grandes escritores. Aliás, nem é preciso ser escritor para ser acadêmico. Getúlio Vargas, por exemplo, é da ABL. É um grupo bastante eclético, e fico imaginando o que Guimarães Rosa teria a conversar com o Sarney, por exemplo. Paulo Coelho não é um escritor, no sentido de ficcionista. A ficção, para ele, é pretexto para ensinamentos filosóficos. Não gosto de livros assim. A literatura não deve servir para outros fins que não seja a leitura pura e simples. Não deve servir para ensinar nada, não deve servir para levar alguém a votar nesse ou naquele partido, a ser ateu ou crente, ou para provocar uma revolta armada, nada disso.

NT - O quanto o engajamento prejudica a qualidade?

FC - O Paulo Leminski dizia que a poesia é um inutilíssimo. Concordo com ele. A literatura não serve pra nada e, justamente por não ter uma função prática, é que ela é imprescindível, fundamental.

Fico meio deprimido quando vejo tanta gente gostando de Paulo Coelho, não porque ele seja ruim. Acho que ele é ruim, escreve muito mal. Mas não é por isso, tem muita gente por aí escrevendo mal e nem, por isso, me entristeço.

O que me chateia é que ele usa a literatura para passar mensagens, para ensinar alguma coisa, e isso é o que pode haver de pior para a Literatura. Se você quer matar a Literatura, coloque-a a serviço da moral, da ética, da política ou do que quer que seja. É um processo de emburrecimento do leitor, de adestramento, de absoluta imbecilização. É triste ver a literatura servindo a esse propósito.

Entrevista publicada no Jornal O Popular, em 18 de Agosto de 2002.





Desenho de Naura Timm

Os textos conferem com os originais, sob responsabilidade
integral do(s) autor(es), inclusive a revisão.

Esta publicação foi elaborada pela
EDITORA DA PUC GOLÁS e PRONTO EDITORA, impressa
na oficina da EDITORA KELPS, no papel: off-set 75g, composto
nas fontes Monotype Corsiva, corpos 16 e 24 e
Minion Pro, corpo 11
julho, 2011